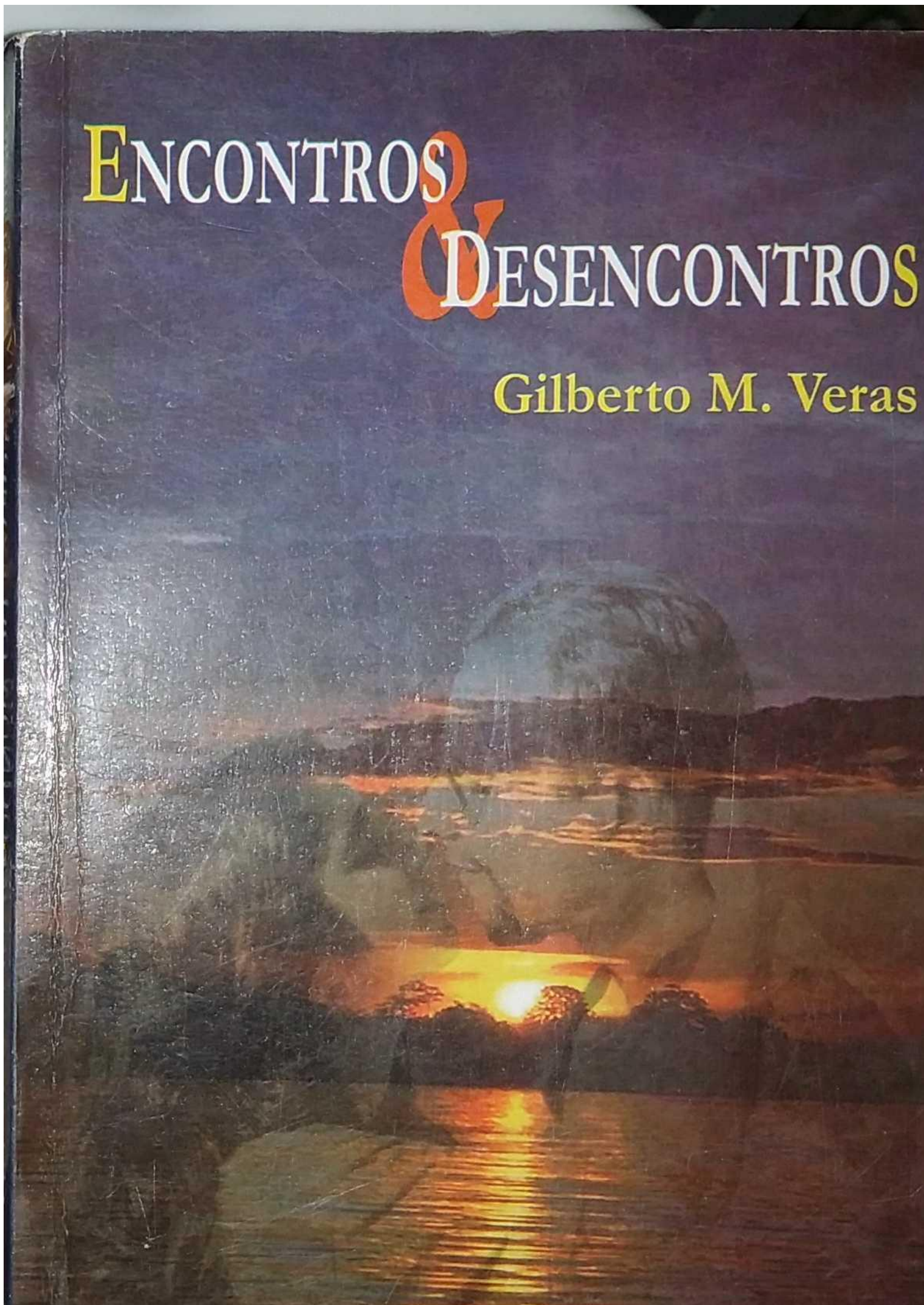


ENCONTROS & DESENCUENTROS

Gilberto M. Veras



Gilberto Moreira Veras

Encontros e Desencontros

Agradeço a Deus, Inteligência Suprema, com o qual estamos todos comprometidos na edificação do bem, da paz e da felicidade.

aos Espirites Amigos, que me protegem, intuem-me com bons propósitos e me auxiliaram com ideias e motivações na realização desta obra.

ao amigo Antônio Alfredo de Sousa Monteiro, Presidente da Federação Espirita do Estado do Ceará, que acreditou no trabalho e o referendou, com seu bom senso e entusiasmo.

aos amigos Waldyr Rodrigues e esposa Regina, que me incentivaram com seus inestimáveis apoios.

DEDICO

aos meus pais,

Adalberto (in memoriam) e Maria Emília.

Que me educaram, fertilizando-me o coração de amor e fraternidade.

aos meus irmãos,

Raymundo Nonato, Murilo, Francisca das Chagas, Everaldo e Salete.

Que dividiram comigo o aprendizado no educandário divino.

à esposa e filhos,

Geilza, Bruno, Surama, Gilberto Jr. e Gleika.

Que muito contribuem para minha paz e para desenvolver o sentimento nobre e essencial de que o Pai proveu este pequeno filho e demais criaturas.

aos netos,

Gilberto Neto, Caroline, Vanessa, Andressa, Ingrid, Rebecca, Luana e Ana Clara.

Novos elos da corrente de amor que nos une a todos.

IN MEMORIAM

Adalberto Cardoso Veras.

Meu pai, que nesta experiência terrena me exemplificou a conformação e a esperança no porvir.

Benvindo da Costa Melo.

Bondoso amigo, que me motivou ao exercício da fraternidade e me esclareceu enigmas da vida com sua inteligência privilegiada.

Paulo da Silva Araújo.

Amigo sincero, de coração saneado, com quem partilhei projetos morais-intelectuais importantes nas nossas realizações como pessoas dignas e preocupadas com o próximo.

Que Deus os abençoe.

PREFÁCIO

Li, analisei e aprovei o livro. Leitura fácil, agradável e educativa. O estilo enxuto e prazeroso revela qualidade literária. Capítulos curtos facilitam a compreensão do interessante enredo, estruturado e apresentado de modo muito criativo. Linguagem elegante e acessível, com senso de humor inteligente e toque poético, valorizam a obra que, como disse o próprio autor na apresentação, despertará interesse do leitor em geral, independente do seu credo religioso.

Com satisfação aceitei o convite para prefaciar este trabalho do confrade Gilberto Veras. Como também incluí-lo no projeto editorial da Federação Espírita do Estado do Ceará, por considerar o seu conteúdo positivo e coerente com a Doutrina Espírita. Nos ensinamentos evangélicos e doutrinários que são repassados com muita propriedade e harmonia literária. Sem dúvida, de inegável contributo para a divulgação do Espiritismo e melhor entendimento de sua proposta cristã renovadora.

Além do mais, o autor, tarefeiro da seara do Cristo, que labuta no movimento espírita cearense, e em particular na FEEC, prescinde de qualquer recompensa financeira, desta edição, para cooperar com as obras do PODEBEM (Pólo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes). Em nobre atitude de homenagem ao saudoso Irmão Benvindo da Costa Melo que, ainda na vestimenta corpórea (veja apresentação), o convidou para escrever um livro.

Gilberto, conforme me declarou, deseja, com este procedimento, reverenciar aquele espírito de escol que, quando por aqui passou, jamais se negou a prestar seu excelente atendimento fraterno a todos nós, seus aconselhados. Acredita ter sido influenciado pelo amigo desencarnado, com inspiração, ideias e motivação neste encargo de fim elevado.

Em se tratando de dois companheiros de indiscutível confiabilidade e de relevantes serviços prestados ao nosso movimento federativo, e que em muito se combinavam, não poderia eu omitir meu endosso e respaldo.

Um vem colaborando com a Federação há cinco anos, na área da Comunicação Social Espírita, notadamente na editoração do nosso órgão de divulgação, o "Ceará Espírita", sem lhe faltar desvelo e abnegação. E o inesquecível Irmão Benvindo, com currículo espírita extraordinário, considero o baluarte do movimento espírita cearense, fundador e primeiro Presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, e idealizador do PODEBEM. Sinto-me, portanto, com o dever de referendar este empreendimento, que sugere se tratar de uma feliz parceria.

Parabenizo o autor pelo produto realizado que, de modo ameno e despretensioso, propicia ao leitor conhecimentos da Doutrina da razão, amor e consolação, o Cristianismo Redivivo. Com intervenções esclarecedoras e aulas evangélicas na espiritualidade, imaginadas com criatividade pertinente e a propósito. E tudo muito bem concatenado, em perfeita sintonia com o enfoque dado à novela.

APRESENTAÇÃO

Pelo que esclarece *O Livro dos Médiuns* e companheiros estudiosos e experientes no assunto, consultados, não sou, ainda, um médium psicógrafo: falta-me a aproximação ostensiva do espírito comunicante. Logo, esta obra não é psicografia. Porém, estou certo de que os amigos desencarnados e simpatizantes da literatura andaram me influenciando e motivando, do contrário eu não teria fôlego para realizá-la em 38 dias, nas suas fases de criação, digitação e diagramação (sem prejuízo de outras atividades). Eles me inspiraram e me repassaram energia, tenho certeza disso, e vocês também terão ao avaliarem as circunstâncias em que ela nasceu.

Despertei às cinco horas da manhã com um pensamento súbito e forte: vou escrever um livro. Delineou-se em minha mente o tema da história: dois Espíritos que muito se amavam e, por conta de orgulho, egoísmo, vaidade e ciúme, encontravam-se e se desencontravam, por três encarnações consecutivas.

Coloquei-me a postos e comecei a escrever, tendo idealizado apenas o arcabouço da história, que foi tomando rumos e variantes durante o processo criativo. Ideias em profusão se combinavam, formavam sentido e se conectavam para compor a obra, conjugando enredo e lirismo literários com doutrina, em ensinamentos evangélicos, filosofia e ciência espíritas, apresentados de modo ameno, despretenso, pertinente e de fácil compreensão. Uma obra que pode despertar interesse e ser proveitosa a todo leitor, espírita ou não.

Um Espírito especial, muito querido de todos nós que fazemos o movimento espírita cearense, de saudosa memória e muito presente em nosso pensamento, o benemérito Irmão Benvindo Melo, com dez dias antes de partir para o mundo de outra dimensão, telefonou para minha residência, com voz surpreendentemente firme, entusiasmada e animada, para dizer:

- Gilberto, vamos escrever um livro?
- Vamos, sim. Como e quando?
- Aguarde. Tenho muita matéria. Posso contar com você?
- Claro, Irmão Benvindo. Estou à sua disposição, com o maior prazer.

Fiquei aguardando, preso, e ele se foi, liberado. Fazendo uma ligação deste fato com o modo inusitado da origem deste livro, não tenho dúvidas de que esse bom amigo andou me auxiliando neste trabalho, com ideias e energias. Provavelmente este modesto produto da pena não deve ter atendido o projeto maior daquele que por aqui labutou na Doutrina Espírita em órbitas mais elevadas. Ele que me desculpe, foi no que pude contribuir. Mas, do fundo do coração, quero homenageá-lo com a minha dedicação e o meu esforço de amigo sincero e de admirador incondicional. Que Deus o abençoe e saiba ele que continuo à sua disposição como instrumento material limitado, mas sempre disposto a contribuir na seara caridosa do Cristo e a favor do próximo.

Tenham todos boa leitura, com aproveitamento saudável e educativo.

Gilberto Veras

1

Ela estava confortavelmente sentada, em poltrona I individual, macia e generosa. Não estava só. Assistiam I à sessão cinematográfica outras pessoas que não lhe chamavam a atenção. Pareciam não existir, tamanha sua concentração na cena que se desenrolava em supertela.

Era protagonista do filme. Não havia dúvida. Vivia emoções e ações da história com profunda realidade. Lembrava-se de todos os fatos e casos que ali se reproduziam de forma extraordinária.

Os lugares e pessoas revelados naquela projeção eram literalmente conhecidos e familiares. Recordava-se de

todos, em nome e particularidades. Como esquecer de Samanta e sua família? (Mãe, D. Cássia; irmã, Maria Tereza; e irmão, João Maria; o pai não o conheceu, porque quando privou da amizade dela já havia ele falecido). E a cidade, como deixar de identificá-la? (Saudosa Coimbra de Portugal, com suas ruas arborizadas e bem cuidadas, acolhedoras residências, de cômodos amplos e arejados).

Sim. Absolutamente certo. Estavam lhe fazendo revelações de passado distante, não sabia por que cargas d'água.

Qual a razão? Por que assim, num local ao ar livre e com outros espectadores?

Uma brisa suave acariciou seu rosto meigo e delicado. Duas saudosas lágrimas inundaram-lhe os olhos amendoados, negros e belos.

Descerrou-se o véu do esquecimento e mergulhava ela em encarnação pretérita.

2

Há muito se encontrava no mundo espiritual, na erraticidade. Em sua última reencarnação experienciou provas e expiações na roupagem corpórea feminina. Não constituiu família. Sofrida por decepção amorosa, com o sonho do casamento desfeito ao pé do altar (o noivo não compareceu para com outra desaparecer), optou pelo celibato e fez voto de clausura em casa religiosa vinculada à ordem dos Carmelitas Descalços da Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Chamava-se Maria Isabel. Era formosa, de rara beleza, cabelos lisos e pretos que, combinados com o lindo rosto e corpo escultural, conciliavam o agreste rude com fidalga nobreza. No entanto, atormentava-lhe o ciúme, único motivo da desistência do noivo, João Alberto, jovem militar (capitão da Marinha de Guerra). Preferiu renunciar ao imenso amor que a ela dedicava a ter de amargar o dissabor e desgaste do sentimento pernicioso.

Desencarnou aos 70 anos, em ataque cardíaco fulminante, ao tomar conhecimento do desenlace de João Alberto, ocorrido uma semana antes. O confmamento não havia anulado o sentimento maior que se mantinha ativo e pulsante em seu coração combalido pela frustração e saudade contida e amargurada.

Na nova morada, há muito suplicava um encontro com o Espírito amado. Mas nada lhe era concedido, a não ser repouso e acompanhamento de Espíritos benfeitores que procuravam consolá-la e lembrá-la sempre da necessidade de combater o sentimento de orgulho, manifestado no seu ciúme doentio e Isso porque, embora já consciente do seu estado fluídico, ainda assim padecia com a ideia de o seu querido Alberto se encontrar em algum lugar na companhia sentimental de outra criatura.

3

Pois é. Mergulhava em encarnação passada, a penúltima de sua longa vida, quiçá milenar. Pela Providência Divina, tomava ela conhecimento, agora, ali, naquele lugar espiritual, dessa sua passagem na Terra, em plaga de além-mar. Exibia-se o filme, nítido e cristalino, como a luz que a iluminava, de modo extraordinário, o perispírito e o próprio espírito. Não como ocorre no nosso mundo denso, em ambiente fechado, escuro e através de máquinas a projetarem imagens e som em limitadas telas, colocadas a alguns metros de distância. Acontecia no claro, a céu aberto e dispensava máquinas. O campo mental dela e dos presentes, por força do pensamento e da vontade, plasmavam o cinema especial, como se dela e deles próprios se libertassem todas as cenas e episódios mostrados em tamanho natural.

Por isso a certeza de que o protagonista da película era ela mesma, não lhe deixando a menor dúvida o fato do personagem, no qual se identificava, ser um homem forte, alto, bonitão e de espessa barba. Era Mário Augusto, o

romântico e apaixonado namorado de Samanta, que, na reencarnação seguinte, recebeu a indumentária coipórea masculina do elegante marinheiro João Alberto.

4

Mário Augusto e Samanta amavam-se demais.

Ao se conhecerem, ele com 15, ela com 12, houve assim um chamamento irresistível, desses de descompassar coração e transfigurar fisionomia.

Fazia 30 dias que havia ele se mudado da cidade do Porto para Coimbra, para que seu pai, Sr. Maurício, assumisse, por herança, propriedade e negócios do avô falecido, de nome Caetano.

Samanta, que fizera amizade com sua irmã Lúcia, adentrou a casa dele justo no momento em que se encontrava concentrado em estudo escolar. Levantou a vista, ainda um tanto desligado, e recebeu o choque emocional. O coração acelerou e a face empalideceu. Percebeu nela sintoma semelhante.

Os olhos fixos registraram mutuamente um sorriso cúmplice e agradecido que, provavelmente, queria dizer: graças a Deus te reencontrei.

A partir dali, começou o namoro, mudo e respeitoso, em que apenas os corações se comunicam. Naqueles tempos, dos anos 1500, principalmente entre crianças, declarações amorosas eram condenáveis e vergonhosas, tidas como ridículas e despropositadas. Mas, como sentimento prescinde de fala e aproximação, eles se amavam intensamente, no sigilo de suas intimidades.

5

Isabel recebia a revelação surpresa, com muita atenção e de modo por demais estranho.

Pensava, raciocinava e analisava como Maria Isabel, a freira, e vivia, em plenitude, emoções e sentimentos de Mário Augusto, o português do século XVI.

Que fenômeno esquisito! Mas assim acontecia por designio de Deus que, com Sua Inteligência Suprema e Infinita Bondade, propiciava-lhe oportunidade de evolução espiritual pela informação esclarecedora de passado mal aproveitado.

A passagem lusitana daquela existência terrena, apresentavam-na a partir de sua chegada à Coimbra. Com o adolescente Augusto em estado psíquico confuso e quimérico. Dividia-se entre sua tendência e admiração pelas ciências exatas (matemática, física e astronomia) e a paixão pela literatura, no gênero romântico e poético. Era um cientista sonhador, com a cabeça cheia de números e o coração transbordado de amor.

6

Sempre que Samanta visitava a residência de Mário 1« Augusto encontrava-o estudando.

Sorrateiramente, ao lado de Lúcia, de mãos dadas, desviava-lhe um olhar curioso, tímido e amoroso. Comentava com a inseparável amiga: como ele é estudioso!

O letrado precoce, que pouco se divertia com as opções comuns à idade na época, ao receber o flerte, saía do sério e partia para as brincadeiras, irresponsável e atrapalhado. O cérebro repousava e ativava-se a bomba nobre, na sua maior potência, jorrando sangue em abundância para todos as células e órgãos, colorindo-o de vermelho, como um tomate.

Um dia, ela ousou. Aproveitou rápida ausência da companheira e, ligeira, entregou a ele um pedacinho de papel, todo enroladinho. Estava perfumado com o aroma da pureza donzela, que só as almas imaculadas detêm e o sentem. E Augusto inebriou-se com ele, porque também era um ser intemerato.

Com mãos trêmulas abriu o precioso presente.

Estava escrito: Te amo.

Molharam-se os olhos e sua alma, momentaneamente, se libertou, em êxtase.

7

Tomavam idade. Cresciam eles, no corpo e no sentimento que os vinculava. E o namoro platônico se consolidava, camuflado, fechado a sete chaves, em segredo de abelhas.

Ninguém sabia daquele amor grandioso que unia as almas afins de Mário Augusto e Samanta. Eles disfarçavam a qualquer custo, muitas vezes simulando indiferença, com o ciúme corroendo (nele mais do que nela) o íntimo, em situações de galanteios que um ou outra recebia de admiradores.

- Você já notou como Samanta está encantadora nos seus quinze anos? Hoje mesmo, à noite, durante a festa comemorativa do seu debute, irei declarar o meu amor por ela. Estou apaixonado.

Eduardo, belo jovem de 20 anos, confidenciava seu sentimento ao melhor amigo, Mário Augusto, que se valia de força escomunal para demonstrar naturalidade, quando um vulcão de tormento e pavor revolucionava-lhe o âmago. Havia planejado, depois de muita reflexão e de combater sua exagerada timidez, exatamente o mesmo do amigo rival: escolhera a oportunidade especial para revelar verbalmente (por outros meios menos explícitos já o havia feito) o seu imenso amor à Samanta; emocionava-se até em pensar na possibilidade de apertar a delicada mão pela primeira vez, gozando, com anterioridade, as delícias da sensação.

Não teve coragem de comparecer à festa. Rolou na cama e não conseguiu o sono reparador da noite, com a mente todo tempo ocupada por fantasmas criados pelo medo e ciúme. Via a amada nos braços do amigo, a bailar vaidosa e satisfeita. Depois outros rapazes surgiam fazendo-lhe a corte. E ela, receptiva, agradava todos, ora um, ora outro, como a mais linda das princesas que, pródiga de beleza, não economiza encantos, distribuindo-os sempre que requisitada. E todos aqueles palhaços, aproveitando-se de sua ingênua generosidade, deleitavam-se com sua companhia, dançando, conversando ou trocando olhares.

Chorou. Rezou. Pediu calma e força a todos os santos de sua devoção (era muito católico). Porém nada adiantou. Viu o sol nascer e ouviu o galo cantar, e nem sequer um diminuto cochilo lhe foi concedido.

8

No entanto, a belíssima festa de 15 anos de Samanta foi BH para ela a noite mais infeliz de sua vida.

Esperava a data com ansiedade. Havia decidido que seria o dia de libertação do prisioneiro nobre, poderoso, vibrante, que não se conformava em permanecer o tempo todo enclausurado em seu coração.

O impedido, que era o elevado amor por Augusto, embora preservado em seu hábitat natural, necessitava interagir com o amado. Temia o fracasso. Como prosperar sem obra? No mundo material as virtudes espirituais, para serem proveitosas, precisam ser ativadas, em ações e reações. Não se realizam no isolamento, egocêntricas, pelo contrário, nessas circunstâncias, geram desconforto, perturbações e desequilíbrios. Essencialmente, o amor é dinâmico, empreendedor. A principal fonte de energia humana não pode se manter guardada, contida, indefinidamente. Momento chegará em que explodirá o coração. Era essa a preocupação de Samanta.

Portanto, reservou a data especial para a realização do sonho que há muito alimentava. Insinuar-se-ia a Augusto, criando situação favorável à almejada declaração: olhares sintomáticos, toque de mãos, enfim, valer-se-ia de toda sua formosura natural e produzida, para encorajá-lo na iniciativa.

E não apareceu o moço. Que tristeza! Que decepção!

Teve de simular felicidade com o coração despedaçado. Bailava ausente: o corpo sendo levado ao som de valsa não ouvida e braços inexpressivos; a alma vagando, atormentada, angustiada, conjeturada, em busca do amado não aparecido.

- Quero namorar com você. Estou apaixonado.

Declarava-se Eduardo pela terceira vez, tendo o corpo dela nos braços, a valsar, e seu espírito distante, a procurar o outro.

Despertada por delicado mas enérgico toque de chamamento, respondeu resoluta, sem consideração e desatenta, desvencilhando-se do parceiro.

- Sou comprometida e estou superapaixonada.

Mais tarde também vigiou na cama, até amanhecer.

9

Samanta decidiu: não mais se sujeitaria à situação desconfortável de ter aquela bomba-relógio no coração, podendo explodir a qualquer momento. Nem mesmo o sono noturno, recurso natural que refaz o corpo e dá serenidade a alma, estava conseguindo conciliar. Como aconteceu na noite anterior, indormida e frustrada, que lhe deixara intranquila e nervosa, justo no primeiro dia de nova fase da vida, a primavera da mulher, quando descortina-se-lhe o mundo das flores e dos amores.

Decididamente, não mais aceitaria aquele namoro oculto, de feição culposa, como se escondesse algo desprezível, mentiroso ou vergonhoso. Não, de maneira alguma. Afinal de contas o seu amor era verdadeiro e belo. Poderoso, capaz de transpor montanhas. Não fazia nenhum sentido manter-se em potencial tamanha energia, tamanha força, com a matéria, o viçoso corpo, ávido de realizações, maravilhosamente pronto para atender os impulsos e comandos de sua alma idealizadora. O de que precisava mesmo era amar, amar muito, livre, correspondente, ativamente. Uma vez que seu amor não era nenhum bandido ou mau-caráter para atuar na surdina, disfarçado e enganando todos.

Naquele dia "D", Mário Augusto recebeu a visita, em seu lar de filho, da amantíssima criatura. Vinha disposta, e sua conduta não foi mais de discrição ou cautela.

Positivamente, estava livre do indesejável segredo. Não procurou Lúcia e foi direta ao alvo da questão.

- Por que não compareceu ao meu aniversário? Estava com outra? Não me encontro mais em seu coração? Explique-se. Você me causou profundo desgosto e desmoronou o castelo que eu havia construído com amor e carinho, e com muita expectativa. Alimentava a esperança de ouvir você dizer que me amava, de viva voz e pela primeira vez.

A fala era segura, juvenil, embora lindamente nervosa. Saía de uma boca desenhada com capricho pela Natureza, com lábios sensuais e dentes alvos, bem tratados e esmeradamente dispostos.

Augusto tremeu nas bases. Pulou da cama em que se encontrava repousando, sonolento e nostálgico, pensando no insucesso da noite perversa que o torturou até onde pode.

- Samanta, minha amada, perdoa-me. Fui covarde e tolo.
- Tive medo de perdê-la para outro mais ousado que, havia me dito, pretendia declarar-lhe sua paixão. Amarguei terrível noite, pois essa possibilidade cruel eliminaria a mais forte razão do meu viver, o centro de todo o meu projeto de vida. Sem você, seria eu anulado e nada mais justificaria minha presença na Terra.

Pegou a mão direita dela com indescritível ternura e levou-a a seus lábios trêmulos, num beijo expressivo, de afeto e felicidade. Também externava a libertação do seu amor que, pela primeira vez, se apresentava ao mundo de fora, faceiro e desafiador.

Saíram de mão dadas. E Lúcia quase desmaia de surpresa ao vê-los em namoro assumido.

10

Desencantou o namoro. Augusto e Samanta, agora sim, H9H estavam realmente comprometidos, aos olhos de todos, MHB com o acordo das famílias e as bênçãos de Deus.

De um lado, apenas a mãe dele (D. Célia) não fazia muito gosto, mais pelo seu apego egoístico de mãe do que por outro motivo, que não o tinha. O pai, Sr. Maurício, adorava a doce e graciosa adolescente. Lúcia, nem se fala, ficou radiante com a perspectiva de incorporar ao seio familiar a querida amiga, sincera e de absoluta confiança.

Do outro, a aprovação era irrestrita e geral. Augusto gozava da simpatia e admiração de todos: D. Cássia, Maria Tereza e João Maria, de parentescos já conhecidos.

E eles felizes, felicíssimos, a projetarem o futuro desejado: o céu familiar, onde não faltaria conforto do corpo e da alma. Ele se responsabilizaria, em primeiro lugar, pelos recursos materiais, que facilitam as conquistas das qualidades requeridas na harmonização do casamento: a tolerância, compreensão, renúncia, respeito, humildade e outras mais. A contribuição dela seria maior, nessa edificação sócio-humana excelente, com seus atributos femininos (ternura, docilidade, simpatia e candura) e pendores domésticos, para assumir o honroso cargo de rainha do lar. Teriam quatro filhos, dois casais, o ideal para que o equilíbrio humano psicológico se estabelecesse: se um masculino fracassasse, teria outro para tentar o êxito, do mesmo modo com relação ao feminino. "Se Deus quiser, na nossa família só haverá sucesso, mas não custa nada prevenir, seguro morreu de velho", justificavam, eles, os planos, sorridentes e mais aproximados, embora não houvessem ainda avançados além das "mãos dadas".

Prosperava o idílio. De vento em popa. O barco do amor singrava célere, por mares calmos, nunca dantes

No começo era apenas mão na mão. Mas, o viço da juventude não poderia resistir às tentações dos prazeres da carne. Mesmo com todo respeito e pudor, já haviam alcançado a naturalidade do beijo de rosto e do abraço colado. Sussurravam aos ouvidos promessa de amor eterno. No campo mental deles, o outro ou a outra, não se ausentava um minuto sequer. Amanheciam, anoiteciam e dormiam pensando na outra parte, que a eles se integrava como um complemento, uma indumentária psíquica, cujo absenteísmo causaria a vergonha do nu, a solidão, a insegurança.

Tanto um como a outra, estavam absolutamente convencidos de que o emocional havia unido suas almas apaixonadas e xifópagas. Só faltava a ligação completa e definitiva dos corpos para se fundirem numa só pessoa. Saberiam eles que essa fusão é relativa? Não pode extrapolar os limites divinos da individualidade? O homem (sentido geral) não pode prescindir do seu livre-arbítrio para desenvolver valores próprios e corrigir erros e falhas em sua romagem. E esse trabalho é individual.

Aos 20 anos, o cientista-poeta, pela sua abnegação, competência e perseverança, já havia obtido expressivas realizações profissionais. Labutava num laboratório científico do Governo Federal, como funcionário técnico concursado. Participava de projetos de navegação, contribuindo com sua excepcional capacidade de cálculo superior. Teve importante atuação nos mais ousados da época, inclusive no que redundou no descobrimento do Brasil, cuja frota de 13 navios contou com o capitão-mor, o fidalgo Pedro Alvares Cabral. Nas horas vagas escrevia seus poemas, inspirado na musa das suas quimeras.

Logo, sentiu-se respaldado e audaz. Já conquistara o necessário para o casamento, e o porvir se lhe apresentava brilhante e promissor. Comprou alianças e vestiu terno novo, elegantíssimo. Adentrou a residência que lhe era semifamiliar, de surpresa, sem aviso nem sobreaviso. Mesmo Samanta não sabia. A noite lembrava um dia, pálido de luz, com a lua cheia, prata e mansa, e enfeitado de pisca-piscas, com o cintilante das estrelas no céu.

- D. Cássia, quero uma reunião da família. Tenho novidades a compartilhar.

Estava tranquilo e à vontade. Não recebia a influência emocional da insegurança, que claudica e faz tremer pernas e esfriar mãos. O seu semblante tinha a serenidade dos lúcidos e pacientes, que sabem o que querem e aonde pretendem chegar. Sem se falar na vestimenta a caráter, que enaltece e formaliza atos e medidas.

Recebeu um "pois não" da senhora cortês, que, incontinenti, convocou os três filhos para a reunião solicitada.

Não demorou muito, estavam, os cinco envolvidos, ao redor da mesa estilo colonial, iluminados pelas luzes emanadas do potente lampião e dos olhos fulgurantes de Augusto. Samanta, ao lado do namorado, interrogativa e embevecida, aguardava os acontecimentos.

- Sem delongas, com imensa satisfação e esperando agradar todos, solicito à mãe desta (afagou carinhosamente o rosto daquela a que se referia), que tomou meu coração e nele fez morada para sempre, o consentimento de tê-la como esposa e com ela construir um lar comprometido a ser, em futuro breve, o educandário de amor dos filhos que certamente virão.

O discurso direto e formal, característico do lusitano daquele século, foi finalizado bruscamente, como começou. Aparentava insensibilidade, completamente antagônico ao que se passava na intimidade do mancebo, revolucionada por emoção e sentimento. Os presentes captaram a realidade.

A resposta positiva veio de um coração materno, exultante e sincero. Os irmãos da pretendida externaram incontida alegria. Até palmas bateram.

E duas lágrimas rolaram na face de Samanta, antes de um beijo desvirginar, sem cerimônia, os lábios

sequiosos de Augusto e os dela próprios.

12

A data do casamento foi marcada para 12 meses depois, dia 25 de outubro de 1506. Tempo necessário para os preparativos de praxe: enxoval da noiva, compra do mobiliário, consolidação financeira e outras providências de somenos.

Até lá, o relacionamento amadureceria com as permissões do direito adquirido com o noivado. Maior convivência, conversas mais demoradas, troca de ideias e pensamentos, revelações de gosto e desgosto, iriam contribuir para isso, seguramente. E sempre bom se conhecer melhor o outro, quando nos propomos comer com ele muitos quilos de sal.

Samanta, com auxílio da mãe, dedicou-se ao engenho e artes esponsais. Casou, antes, com a ideia de se tomar, no tempo aprazado, esposa ideal e, logo depois, considerado o sagrado período de nove meses de gestação, mãe exemplar, de extremado zelo. Fez curso de culinária e leu vários livros sobre educação de bebês, em ansioso preparo intelectual- matrimonial. Era um projeto de vida na direção da felicidade. Claro, não poderia se descuidar. O seu caráter sério e vaidoso não admitia fracassos, apontava para a perfeição. Seu lugar era o de cima, para inveja e admiração de todas, e não o de baixo, que suscita desprezo e humilhação delas. Era orgulhosa e disso se vangloriava.

Desconhecia os efeitos danosos e comprometedores do sentimento considerado pelo Espiritismo a chaga da humanidade.

13

Com seis meses de noivado Mário Augusto já havia | j.1 adquirido quase todos os móveis. Deixou a parte de Hl marcenaria para o final, assim obtê-la-ia atualizada, quarto e salas de acordo com as opções de novidades l ocasionais. Sua casa seria moderna e funcional, com todos os j requintes, e de gosto da patroa vindoura. Por isso a parcimônia ' no comprar e encomendar. Tudo deveria combinar e ser l agradável às exigências da psique e da vestimenta corpórea, esse conjunto de matéria, divinamente organizada, que nos dá forma e funcionalidade.

Desse modo caminhava o noivo, na edificação do futuro ninho. No campo material, providenciando o que lhe competia, e no subjetivo, evoluindo afeição àquela que iria com ele dividir espaços até que a morte os separasse. Também não se descuidava da carreira profissional, dedicando-se com afinco aos estudos, para, com o esforço do seu trabalho especializado que desempenhava com muita disciplina e assiduidade, adquirir as merecidas e motivadoras promoções. E ainda devaneava com seus poemas e outros textos. Uma pessoa realmente produtiva, o brilhante Augusto.

No contexto dessas atividades, numa noite fria que sugeria cálido aconchego, dirigiu-se ele à casa da noiva, com o propósito de aquecer o corpo e abastecer a alma de fluidos próprios, sutis e renovadores. Não há revigoramento maior do que as vibrações salutares, de paz e serenidade, que um coração empático pode nos propiciar.

Acomodado, após a prazenteira recepção, ouviu dela, eufórica:

ENCONTROS E DESENCONTROS - Gilberto Moreira Veras

- Querido, temos novidade.
- Qual, minha Sam? Que trazes tu por trás desses olhos lindos, com tanto brilho?
- Recebemos em nossa casa honroso hóspede que veio da Capital para passar férias prolongadas conosco. Trata-se de Manoel, filho de minha tia Carolina, irmã de mamãe. Um primor de rapaz. Tu vais gostar muito dele. Vou chamá-lo para te apresentar.

Ficou na sala de visitas, só e meditativo, o cismado Augusto, esperando a entusiasmada noiva e o primo dela.

Essa novidade não lhe parecia boa e muito menos tranquila. Que história é essa? Um marmanjo ferindo na casa de sua noiva? E se fosse um conquistador charmoso?... Sentiu um frio na espinha.

Confirmada sua preocupação. O jovem luso Manoel, 19, era mesmo um belo tipo masculino: alto, espadaúdo, musculoso e bonito, compleição muito cobiçada pelo feminino daquele tempo, em todo o continente europeu.

E surgiu, à sua frente, a figura indesejável, de mãos dadas com a anfitriã. Que absurdo! Não podia acreditar no que via. Levou, instintivamente, as mãos aos olhos, talvez para não vê-los, ou, então, para não enxergar o demônio do ciúme que se mostrava em sua tela mental ameaçador, com pompas e pontas.

- Manoel, meu noivo Mário Augusto. Augusto, meu primo Manoel Cabral.

Dele exteriorizou-se um lacônico "muito prazer", do outro uma "muita satisfação" enriquecida por um sorriso simpático e um caloroso abraço.

14

O temido pelo provinciano estava realmente a fim de se divertir em suas férias. Não perdia tempo. Participava de todo encontro festivo da mocidade. Sempre à disposição de rapazes e raparigas (no sentido lusitano), falante, esclarecedor e educado. Não desagradava nenhum dos dois gêneros.

Admirava os homens com histórias varonis, de aventuras esportivas ou amorosas que, devido à forma especial de narração, em vez de despertar a inveja repulsiva, atraía, pelo exemplo vitorioso do herói ou ídolo. Todos queriam com ele conversar. Saber das novidades de Lisboa, da vida noturna moderna, das suas opções de lazer, educação e cultura. Augusto, único dos varões que não morria de amor por ele, interessou-se apenas pela sua procedência consanguínea. Pertenceria essa figura à ascendência do grande navegador?

- O Cabral que você assina é o mesmo da família do intemorato Pedro Álvares Cabral?

- Claro. Somos parentes relativamente próximos. De segundo ou terceiro grau.

A resposta orgulhosa somente lhe causou decepção. Parente logo daquele que iria comandar a expedição marítima em cujo projeto participava à distância e com reconhecido valor técnico. Era só o que faltava. Não lhe bastava o precioso galho na árvore genealógica de sua Samanta?.. Ironia do destino.

Na ala feminina era um "Deus nos acuda". As meninas disputavam-no escandalosamente, inconsequentes e ousadas. Grupos se formavam para entrevistar o ídolo, o galã, o colírio dos olhos (diziam elas). Algumas chegaram ao cúmulo (para época) de convidá-lo para dançar, em soirée realizado pela sociedade (com elas à frente) em homenagem ao ilustre visitante juvenil. Foi o primeiro caso registrado nos anais lusitano de semelhante audácia feminina. E ele não se fez de rogado: dançou e rolou à vontade, como se fosse o ato comum e natural. Um artista, o moço.

Encontrava-se nesse baile o casal de noivos, com sua felicidade um tanto arranhada, por parte dele. Nela, não, nada havia afetado, pelo contrário, seu estado emocional estava em alta. A presença do primo acentuou-lhe a alegria de viver, pela vitalidade, vibração e espontaneidade, que passou a respirar na atmosfera caseira. Já do seu escolhido não se poderia dizer o mesmo. Não manifestava, mas o íntimo dele estava seriamente comprometido pelos ataques devastadores do ciúme doentio.

Simulou e disfarçou.

Dançou, mas não rolou.

Os dois estavam fora do salão dançante, tomando fresco e trocando carinho, quando surgiu o requisitado Manoel. Demonstrava, por gestos indicativos, que tentava se livrar do assédio das garotas, como se a preferência houvesse percorrido o caminho do prazer ao incômodo. O que não era muito de se acreditar, pois a vaidade ali campeava, embora sutil e habilmente dissimulada. O motivo deveria ser outro. Provavelmente o de buscar a última das presentes a ser levada pelo seu pé de valsa e sua lábia conquistadora.

Conversou. Trocou ideias. Elogiou. Falou da simpatia que era o casal. Combinavam em tudo. Na beleza integral (física e anímica). Na educação e nos bons hábitos e costumes. Nasceram um para o outro, estava certo disso. Não poupou louvores à cidade, que era maravilhosa com seu povo. hospitaleiro e fraterno. Fez menção aos pais de Augusto, pessoas distintas, inteligentes e de extrema bondade, dali só poderia advir criatura como ele, que reunia bom gosto, arte e ciência, o digno noivo de sua estimada prima. Tudo dito no momento certo, num trabalho de envolvimento emocional impressionante. Por fim, vencidas todas as sombras, em terreno magnetizado e de seu inteiro domínio, investiu.

- O nobre amigo permite me dar a honra e o prazer de dançar com sua digníssima noiva?

Samanta lançou na direção do noivo um olhar confuso e de espanto. Este entendeu que era de súplica, e respondeu com um monossilábico "sim", que no seu mundo impenetrável podia ser interpretado com um discurso sincero e com mais palavras: não permito, sujeito inescrupuloso, traidor de felicidade alheia, destruidor de paz, sonhos e tranquilidade; desaparece de nossas vidas, miserável.

Brigou. Lutou. Expulsou.

No virtual, porém.

No real foi diferente.

Ela foi com Dioniso (Baco), o deus do vinho e da fertilidade.

Ele ficou com Hera (Juno), a deusa ciumenta, esposa de Júpiter, o rei dos deuses e o pai de Dioniso, cuja mãe era Sêmele.

16

Mas ela voltou. Intacta. Sem qualquer modificação. Feliz como saiu e amando como sempre esteve. Alguns minutos de fado não iriam mudar a nobreza e sinceridade de seu coração. Pelo contrário, só fez sensibilizá-lo mais ainda, na direção do amado, porque do outro registrava apenas frivolidade, curiosidades de quem pouco viveu, nada de mais sério. O centro de sua alma, ao redor do qual giravam todos os sentimentos virtuosos, que não morrem nem matam, tinha um nome bem definido e assumido, chamava-se Mário Augusto.

E o encontrou.

Machucado. Ferido. Alterado. Infeliz como o deixou. Seu coração sangrava. Recebeu forte punhalada do seu inimigo número um, e não pensem que o seu nome era Manoel, vindo lá de Lisboa. Nada disso. Atendia pelo nome de ciúme, filho do carrancudo e desalmado orgulho, vindo de longas eras e de lugar não sabido ou, pelo menos, impreciso. O ancião milenar, que fazia estragos na intimidade do jovem cientista-poeta, atuava como o vulcão que dormita nas entranhas da terra por longo tempo e, vez por outra, se ativa devorador, destruindo tudo pela frente, seja belo ou feio.

Em erupção, não foi detida a força do monstro que se mostrava clara no semblante casmurro do ciumento e nas vibrações densas e negativas que o envolviam.

Samanta, cujo coração delicado emanava energia de efeitos contrários aos recebidos com repulsa, um tanto perturbada pelo choque emocional, inquiriu:

- O que houve com você, Augusto? Alguém o maltratou? Por que a carranca? O ambiente não o agrada, mesmo com tamanha alegria contagiante?

- Sim. Não me agrada em nada. E arrependo-me muito de ter trocado a paz do meu lar por esse inferno. Fique no seu céu, que eu já me vou.

Retirou-se decidido. Nem sequer olhou para trás. Controlou-se para não correr, porque choravam seus olhos e não queria que ninguém registrasse semelhante fraqueza.

Estava estabelecido aí o primeiro desacerto entre os dois.

17

O noivado prosseguiu. Não se rompeu com o episódio. I HO primo, logo depois (uma semana), voltou à sua *mam* origem metropolitana, refeito e satisfeito. Brincou o que I pode, descontraíu o necessário. Já poderia retomar ao trabalho, I estudo e atividades esportivas e sociais, que constituíam o seu I mundo mental e haviam-lhe sobrecarregado o psiquismo trivial I e frívolo. Sentia-se, agora, lépido e fagueiro, com as baterias I carregadas para, por muito tempo, fornecer energias a serem I consumidas em Lisboa, com a agitação e concorrência naturais I da progressista Capital europeia. Valeram suas férias, por dois I aspectos: divertiu-se e se refez, embora nada tenha I acrescentado aos valores essenciais do ser que nele dormiam o I sono tranquilo dos pacientes, na profundidade do Espírito, I inibidos pelos sentimentos profanos (com destaque para a I vaidade) ainda mais fortalecidos na "ótima" experiência j mundana que acabara de vivenciar.

Despediu-se de Samanta com ironia e desprante.

- Até a próxima, prima. Um abraço no intelectual que I nada lhe mostrou deste mundo maravilhoso, negando-I lhe o que você bem merece: as delícias da vida. Ei beijou-lhe as mãos, cínico e capcioso.

Ela não gostou. Sentiu desprezo pela criatura vulgar e j desrespeitosa. Provocara aquilo que lhe era mais caro: o amor J pelo noivo. Quem era o pernóstico para criticar uma pessoa da qualidade e valor de Augusto? Não sabia ele que o noivo dela J estava muito acima do convencional. Seus valores eram mais I elevados: sua moral, suas

virtudes se sobressaíam no universo J comum juvenil, onde predominam o pueril e os prazeres terrenos ilusórios. Tolo, esse rapaz, que ouviu resposta à altura:

- Espero que, na próxima, o próximo sej a respeitado nos seus sentimentos e opções.

Deu-lhe as costas, resoluta e amparada pelo Evangelho de Jesus.

E ele ficou pasmo, sem compreender, atônito, sem saber identificar quem era o próximo.

Riu, pensando se tratar de um trocadilho.

18

Não foi difícil para Samanta reconciliar-se com o eleito . I X! do seu coração.

As vibrações do maior sentimento da alma são muito poderosas. Quando liberadas em sua originalidade, sem manchas de intervenções perniciosas, são percebidas até pelos mais endurecidos, se a esses tiverem sido dirigidas. Por conseguinte, foram elas facilmente assimiladas, porque vinham de lugar saneado e se dirigiam a alvo acolhedor e ávido. Mário Augusto foi envenenado pelo ciúme, sim, mas não se pode negar o imenso amor que pela noiva nutria. Bastou a aproximação carinhosa dela para fazê-lo relevar o desagradável incidente que lhe subtraiu o sono naquela noite infeliz. Recebeu, compreensível, as justificativas da escolhida. Não queria magoá-lo. Esperava até que ele negasse o pedido descabido do primo inconsequente que, estupidamente, havia interrompido um momento encantador, de indizível bem-estar, que era estar a sós com a única pessoa capaz de fazê-la realizada nos seus sonhos e projeto de vida. Deixasse ele de tolices, esquecesse o ocorrido que só contribuiu para acender e intensificar ainda mais a luz do amor dela que, ao incidir sobre ele, revelava a figura insofismável do esposo ideal.

A pacificadora buscou a mão dele, com delicadeza e os olhos brilhando de sinceridade.

- Meu amado, não vamos comprometer sentimento tão sublime e grandioso.

Augusto, em revolução interior, com o medo e ciúme combatendo o amor profundo, só fez corroborar.

- Não. Não vamos.

Estava feita a reconciliação.

Voltaram às boas, a viver um para o outro, caminhando, cada corpo, com os dois espíritos se confundindo, sem saber ao certo quem comandava ou dava as ordens ao aparelho que servia para agir e interagir no mundo das coisas e loisas.

Havia horas em que um era a outra e a outra era um.

19

Contudo, a bem da verdade, não se pode afirmar que o ¹ sentimento inimigo do bem, que faz apologia da discórdia e desunião, o famigerado ciúme, houvesse desaparecido da alma de Augusto. Morto e sepultado, vencido na guerra das emoções. Não. Estava muito vivo. Apenas recuara estrategicamente, como o terrorista fanático que acredita cegamente na vitória consagradora e sabe se resguardar na própria casa do adversário, para atacá-lo mais adiante, em condições e situações favoráveis. O enigmático e perigoso inimigo sem rosto, de difícil identificação devido à extraordinária capacidade de se ocultar nos mais sofisticados disfarces. Permaneceu no coração do noivo, sorridente, sorrateiro, educado, irreconhecível, a lançar, discretamente e sempre que oportuno, o seu terrível veneno. De efeito destruidor cada vez maior, como a bactéria que lentamente vence anticorpos, minando as defesas orgânicas. E, assim,] cresciam os sintomas na forma da desconfiança, cisma e distorções críticas. Por que ela não lhe dava a devida atenção, como antes? Seus olhos brilhavam mais diante do vestido de noiva do que com sua presença. Estaria mesmo certa de que seria ele o esposo ideal? Não estava exagerando nessa história de uma festa inesquecível, de causar inveja às amigas e admiração a todos os

convidados? Afinal de contas, era ou não ele a grande conquista dela, a preciosa realização? Onde estava sua simplicidade encantadora que a elevava muito acima da futilidade comum, abominável e desprezada por ele? Efetivamente, os questionamentos aborreciam-no e propiciavam-lhe muita preocupação.

No entanto, Samanta, envolvida de corpo e alma com os preparativos da cerimônia nupcial, que se aproximava célere (só faltava uma semana), não se apercebia do conflito desenvolvido na intimidade do nubente.

Dois castelos em atividade de construção civil.

O dela, em ritmo acelerado, na fase final, em obras de acabamento.

O dele, em trabalho mais lento e em sentido contrário, na demolição de pedra sobre pedra.

20

A jovem donzela vivia o mundo da fantasia, nas M vésperas do enlace matrimonial.

GMBNa data aprazada do casório, ela simplesmente ausentou-se de tudo e de todos. Já levantou-se do leito em duplicata.

Uma, interagindo, no mundo tangível, pelo instinto, automaticamente, como um robô, levada pelas necessidades puramente físicas. Fazia, mas não sentia. Ouvia, mas não escutava. Sorria, mas não ria. Era, mas não era. Todas suas ações se realizavam na superfície, sem qualquer envolvimento emocional. Nenhuma notícia ou fato a abalava ou despertava-lhe atenção. Nem mesmo as de interesse geral, como a que informava aos portugueses, à boca pequena, o iminente grito de guerra à Espanha que ameaçava desprestigiar o Tratado de Tordesilha, na conquista de terras do Novo Mundo além do limite demarcado. Essa possibilidade afligia o povo lusitano no ano de 1506, pois prenunciava momentos difíceis, de sacrifícios e sofrimentos. Menos a ela, a sonâmbula, ausente até das medidas e providências do dia para a realização do pomposo evento: submetia-se, alheia, às ordens ansiosas e neurastênicas da mãe que a tudo organizava, em rigoroso controle.

Com a outra, a coisa era diferente. Acordou, no dia 25 de outubro de 1506, ligadíssima e adiantada no tempo em 12 horas. Não vivia a aurora do dia, em linda manhã, com o Sol abençoando de energias salutares o planeta azul, os pássaros louvando a natureza em harmoniosos cânticos, de alegria e agradecimento; o verde das plantas viçosas a sugerir esperança na vida futura para os aflitos e angustiados, e com o perfume das flores higienizando a atmosfera para neutralizar o fétido da ambição e egoísmo do homem, consequência da má administração dos bens materiais que lhe foram confiados pelo Supremo Criador. Mas ela não estava nem aí. Seu psiquismo a colocava genuflecta, ao lado do noivo e ao pé do altar, com a igreja completamente ocupada pelos silenciosos convidados, num clima de cumplicidade e respeito religiosos. Eram 18:00 h, hora do ângelus. Tangia o sino, anunciando o anoitecer o sol se escondia no horizonte, com seus raios fúlgidos e fugidios, acenando glória e felicidade, em especial para eles que se lançavam em nova perspectiva de vida.

E respondiam ao padre, assim.

Ela. Sim, padre, porque o amo muito.

Ele. Sim, padre, unidos para sempre.

21

O dia do casamento de Mário Augusto foi de conjecturas, desconfianças, profundas reflexões. A programada última noite de solteiro foi indormida, não por causa da despedida convencional, que não houve, mas pelo pesadelo da indecisão. Mudava a posição do corpo mas do pensamento não, que apontava muito aceso para o

medo do fracasso e da decepção. Ia ou não ia?

Despertou com o pensamento fixo, monoideísmo que não dava espaço a outra ideia ou contra-argumento. Só havia o argumento insistente, dominante, querendo convencer a qualquer custo, nenhuma trégua ou bandeira branca para pausa ou meditação, mostrar outro caminho em sentido oposto. Apenas uma mão existia naquela estrada em que se localizavam dois referenciais bem concretos: sua residência, onde se encontrava, e o templo onde deveria estar em 12 horas. E ela (a mão) não juntava os dois pólos, levando-o a distanciar-se cada vez mais do compromisso assumido com Samanta e família.

As razões convenciam-no com a precisão e lógica dos números nas atividades científicas que tão bem desempenhava na auspiciosa profissão. Projetava. Estabelecia equações dos problemas que certamente aconteceriam no relacionamento conjugal. Com racionalidade, unicamente. Nada de emocional.

O sentimentalismo fora preterido inapelavelmente pelo imperioso e autoritário ciúme. Como poderia ele ter certeza de que outro primo, ousado e conquistador, não surgiria na vida deles? Ou mesmo sem parentesco, que aparecesse do próprio e natural relacionamento social vindouro com o fim de arrebatá-la para seus braços? Notara Samanta, nos últimos dias, muito sonhadora, ansiosa por conhecer novas atrações, fazer novas amizades, desfrutar volúpias da vida até então desconhecidas. Não foi assim que ela se expressou numa conversa recente?

- Sabes, Augusto, estou ansiosa por desfrutar as delícias que a vida irá nos proporcionar. Não conhecemos nada ainda do belo. Precisamos nos relacionar com novas caras, mais simpáticas, menos feias.

Silenciara, mas ficara por demais intrigado. Que novas caras seriam essas? Por acaso estaria ele sendo classificado como feio e antipático?

Decisivamente, não iria dar certo. Juntando todas as peças, formava-se o quadro do fracasso. E casamento é um passo seríssimo. Não há volta. Não há conserto. Acerta-se e se será feliz. Ou erra-se e se será infeliz para sempre.

Tomou o café-da-manhã e foi arrumar as malas, com os olhos rasos d'água e o coração maliciado pelo veneno perverso que corrompe almas e razões.

22

Das 6:00 h às 16:00 h do belo e esperado dia, a Samanta-espírito vagou, projetou e viveu seu novo estado civil: digníssima esposa do reconhecido cientista-poeta Mário Augusto. As pessoas invejavam-lhe a sorte. Madame de um homem bonito, intelectual e de ótima situação financeira. Que frequentava a alta sociedade e privava da intimidade de nomes famosos, pela posição e arte. Não poderia acontecer melhor coisa para ela em sua vida, até então sem grandes atrativos. Agora sim, enlaçava-se ao homem que amava e era admirada por todos, na cortesia dos homens e na inveja das mulheres. Que felicidade!

Duas horas antes do grande momento, acoplaram-se, o espírito e o corpo, na Samanta-total, a encarnada, que, como todos nós, vivia no mundo denso para viabilizar o crescimento do ser imortal, depurando-se pela dor, prova ou expiação, como também pelo amor, na prática do perdão e da caridade.

Embelezava-se ativamente e participativa, sob a supervisão da mãe que sorria e chorava ao acompanhar a transformação da moça simples e brejeira em esplendorosa noiva, de inigualável beleza no seu vestido majestoso e encantador, com véu e grinalda, símbolos da venerada virgindade.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, a catedral da cidade, ornamentada com esmero e bom gosto, emprestava ao lugar a impressão do Céu, com anjos e arcanjos a prestigiarem o evento, aprovando a ditosa união e abençoando as criaturas que ali se encontravam. O ambiente estava místico, quimérico e completamente

preenchido pelos nobres e distintos convidados.

Com apenas meia hora de atraso, entrou a deslumbrante noiva conduzida orgulhosamente pelo emocionado irmão, João Maria. A emoção conjunta subiu ao último grau da escala sentimental. Houve choro, murmúrios de fascinação, ameaça de desmaios. Estabelecia-se o apogeu do acontecimento, quando os presentes (mães, pais, filhas e filhos outros), transportados pelos seus anseios, instalam a solidariedade partícipe, com cada um assumindo posição central: de noiva ou noivo, ou com eles relacionados por estreitos laços de família.

No altar ficou Samanta, por duas horas de espera.

O noivo não apareceu, nem notícias mandou.

O público se desfez, discreto, lento e com o fel da decepção, que amarga, dói e corrói.

E ela voltou para casa em braços, desmaiada, com a torre do seu castelo desmoronada por golpe cruel de um foguete suicida.

23

Tomada a decisão, arrumada as malas, resolvidas as pendências mais urgentes, Mário Augusto viajou para a *Hmm*Capital.

Nem aos pais deu satisfação. Almoçou e se retirou na surdina, quatro horas antes do ato que já considerava um enforcamento. Como poderia ser feliz se não mais confiava na mulher amada? É melhor a covardia da desistência do que a infelicidade do fracasso. Que pensassem o que quisessem. Pouco lhe importava. Sua consciência indicava-lhe aquele caminho e por ele seguiria, doesse a quem doesse. O homem que tem fé em sua força, no seu potencial, nada deve temer. I Haveria de vencer em Lisboa, confiava em sua capacidade intelectual. Do coração ferido, cuidaria o tempo que certamente sará-lo-ia.

Partiu, o desistente, sem medo e sem remorso.

Não houve lágrimas brancas e límpidas, dos olhos, e sim as vermelhas e opacas, do coração inconsolado.

24

Com seis meses na Capital, estava ele estabilizado na Inova morada, com suas atividades profissionais e I sociais regularizadas.

No emprego, conseguira com relativa facilidade sua transferência, pois o órgão governamental em que servia tinha sua sede localizada em Lisboa. Era conceituado funcionário, o que favoreceu o atendimento da sua reivindicação. No social, o engajamento no mundo literário se fez naturalmente, como extensão de seu sucesso ao ingressar na Universidade de Letras.

No círculo familiar, foi muito bem compreendido pelos pais e irmã, que lhe acataram as razões apresentadas logo após a fuga, em missiva esclarecedora e por demais convincente. Como não se solidarizar com o ente querido que manifesta segurança, controle, equilíbrio e lucidez nos seus sentimentos? Querida, Samanta era, sim, mas seus corações pendiam muito mais para ele, obviamente.

As outras pessoas do seu relacionamento em Coimbra, não deu qualquer satisfação, nem mesmo à família da noiva desgostosa. Assim procedeu por entender que não se sara feridas relembrando suas causas e sim com o antídoto próprio, que é o silêncio e o impassível tempo.

Prosseguiu sua caminhada na Corte. Cultura. Trabalho. Divertimento.

Passaram-se os anos. Muitas águas rolaram. Namorou moças e moçoilas. Preencheu suas necessidades de galhardo mancebo daqueles tempos. Sem exageros, sob rigorosa vigilância, para não incorrer nos desrespeitos humanos, principalmente no que se refere às leis naturais, de equilíbrio e harmonia da criação divina. Não poluía

nem destruía além do necessário. Respeitava o direito do outro e não renunciava ao seu. Não bebia nem fumava. Apenas poetava. Um homem consciente e introspectivo, que mergulhava em sua intimidade para experimentar emoções benéficas e para avaliar sua interação com o próximo.

Aos trinta anos, apaixonou-se novamente. Uma donzela linda, de pouca idade, 18, cândida e meiga, desarrumou o seu interior, estabeleceu um conflito, uma guerra santa, um bom combate. Vencidas foram inconstância, indiferença e lascívia, triunfaram serenidade e valorização feminina, do corpo e da alma. Cupido (Eros), deus do amor, filho de Vénus, descobriu o poeta e, armado com seu arco, desfechou, maliciosamente, setas do desejo no coração dele, provavelmente para despertá-lo da hibernação em que se encontrava.

Com um ano de conhecimento, entre namoro e noivado, estava ele casado com Vitória (nome da eleita). Constituíram família: três filhos, duas femininas e um varão. Viviam felizes e estabilizados, na santa paz dos homens e de Deus. Não faltavam pão nem educação. Equitativos e conforme o tradicional. Nada de exagero ou supérfluo. Vida mansa e tranquila, à moda, em que as preocupações decorrentes da modernidade atuais jamais foram aventadas.

Como tudo passa e certas coisas voltam, em alguns anos despertou, preguiçosa e faceira, na plenitude de seus encantos e deslumbramentos, a bela adormecida de nome Samanta, que sossegada dormitava (e nem ele sabia) no fundo do coração de Mário Augusto.

Daí em diante, o homem passou a viver duas personalidades: a de esposo fiel, na realidade, e a de amante ardente e sublime, nos passeios da alma.

Na vigília, dividia-se com Vitória, nos desdobramentos, o relacionamento era com Samanta, normalmente a musa dos **seus** poemas. E foi assim que fez um

Juramento

No céu uma estrela brilhou,
meus olhos se fitaram nela.
Encantados, viram teu rosto.

Choraram. Embaçaram.

A tua imagem voltou,
nítida e bela.

Há muito desapareceste,
da minha vida feliz.

De lá para cá,
sofri, penei.

Se perguntares, ELE te diz.
Agora te reencontrei,
noutro mundo do firmamento.

Ainda estás distante,
mas não fiques triste,
breve estarei contigo.

Prometo, é um juramento.

25

O golpe que atingiu Samanta realmente foi profundo. Desses de tirar de tempo e espaço. Deixou-a sorumbática meses a fio. Perdeu o gosto por tudo e abraçou o nada. Não se sensibilizava com coisa alguma. O palpável lhe era asqueroso e o etéreo, inapreciável. O belo desaparecera do seu mundo físico e psíquico. Tomou-se amarga, indiferente e fria. Os homens a ela se afiguravam como inimigos perigosos, adversários inescrupulosos. Tinha as mulheres como comparsas, armas para serem apontadas aos brutamontes, isoladas seriam fracas mas juntas, coesas e solidárias teriam poder de fogo suficiente para destruí-los. Apenas a esperança mantida pela adoração a Deus e o desejo de vingança, evitaram o seu suicídio.

Acreditava no Justíssimo e esperava ainda ver o seu algoz pagar o ato execrável cometido contra ela.

O ser humano é capaz de vencer qualquer atribulação, contanto que tenha paciência (o Misericordioso não dá fardo cujo peso não possa ser suportado). E ela teve. Verdade que não foi pela esperança de um verde tão nobre assim, divino, que sabe associar essas duas leis morais: a de causa e efeito e a de justiça, amor e caridade. Sua paciência não era branca, maculava-se com o negro da vingança. Mas, de qualquer modo, valeu, porque desviou-lhe do mais terrível ato que o Espírito pode cometer contra si mesmo: o suicídio, fracasso superlativo na administração do mais precioso bem que Deus lhe confiou, a vida.

Com essa paciência, recuperou-se ela e assumiu nova postura comportamental, no seu convívio social e familiar.

Prosseguiu sua marcha por outros rumos, novas variantes. Reconstruiu seu projeto de vida no dia-a-dia, porém sem objetivo definido. Barco navegando em águas tranquilas, levado pelo vento do destino ao porto da indiferença.

Não se descuidou da beleza, do encanto juvenil. Sorriso e graça, mansidão e brandura, cortesia e charme, delicadeza e sensualidade, nela retomaram. Só que não mais sinceros e espontâneos, mas intencionais e calculados. Visavam a conquista do sexo oposto, para depois desprezá-lo, humilhá-lo e jogá-lo no lixo da amargura, como se cada um representasse o indivíduo que a menosprezou. O justo pagava pelo pecador na sua incontida ânsia de vingança. Não poupou nenhum e, a rigor, era essa a única razão de sua vida.

Tinha a cautela de nunca namorar mais de um rapaz ao mesmo tempo, para não se depreciar no conceito e preferência deles. Permanecia com a presa até deixá-la totalmente submetida, sem vontade própria, com a paixão desenfreada, capaz de sujeitar-se a todo tipo de humilhação e desprezo. O infeliz, então, era despachado impiedosamente, sem qualquer consideração ou respeito.

Assim viveu até os quarenta anos, sempre com a esperança de destruir a imagem inesquecível de Mário Augusto.

Nesta fase, foi acometida de uma doença incurável. Não sofreu muito porque não tinha sonhos e a condenação permitiu-lhe momentos de reflexão que identificaram entendimento na atitude do noivo covarde. O coração abrandara e o perdão, talvez, se aproximava.

Faleceu Samanta, aos 42 anos, irrealizada, virgem, com saudades do luso pérfido e o anseio de reencontrá-lo.

26

Espíritos protetores da equipe da saúde, receberam-na no plano invisível, sob a supervisão do seu mentor.

Foi socorrida com carinho e zelo, e conduzida a hospital, em local de tratamento especializado. A enfermidade física, que a transferiu de dimensão vibratória, tinha origem no perispírito, afetado pelo seu psiquismo intoxicado com o sentimento de vingança. O rancor e ódio comprometeram o órgão nobre, a bomba do amor. O combustível

divino estava adulterado, poluído com aditivo deletério e trevoso.

O estado de torpor, confuso e perturbador, comum nos recém-desencamados, nela perdurou por algum tempo. Seu mentor, que atendia com o nome de Paulo, buscava a conscientização dela, através de passes magnéticos e conversas telepáticas esclarecedoras e diuturnas. Em paralelo, recebia o tratamento medicamentoso do além, pelas mãos caridosas de abnegados assistentes, para recuperar a normalidade do seu coração. Anos se passaram no procedimento paciente e fraterno. A espiritualidade não tem pressa e sim perseverança, na prática da caridade.

Na convalescença, Samanta deslocava-se em passeios saudáveis, no hospital, em áreas externas, arborizadas e alegreadas por lindas flores perfumadas e por graciosos gorjeios de pássaros saltitantes. Sempre acompanhada por Paulo.

- Paulo, você é tão bondoso. Por que cuida de mim assim, com tanto zelo?

- Minha filha (ele era jovial mas agia com autoridade moral superior), nós temos nossos compromissos e deveres junto ao Pai Amantíssimo. Um dos meus é auxiliá-la na sua viagem evolutiva. O projeto do Criador se realiza pela lei do Progresso, a que devemos nos submeter, e, neste sentido, cabe-nos ajudar uns aos outros, em corrente solidária e universal.

A convalescente recebia orientações e ensinamentos do seu anjo-da-guarda, diariamente, com parcimônia e em doses homeopáticas, de acordo com sua condição mental assimilativa.

Até que um dia, com mais de 100 anos de erraticidade, a ex-lusitana toma conhecimento, no todo, da sua última reencamação, recordando-a em pormenores. Abriu o seu campo mental, descerrou-se o véu, em regressão de memória até a sua existência terrena, em Coimbra do século XVI, junto àqueles com quem se relacionou, em suas provas, expiações e realizações (estas quase não existiram).

Interessou-se por saber do paradeiro de Mário Augusto, a quem ainda se encontrava ligada por laços afetivos. O amor verdadeiro não morre, tomba mas não cai, sufoca mas não expira.

Esclarecida e tocada pela doutrinação evangélica de Paulo, ressuscitou em Samanta vibrações amorosas, impulsionadas pelo sincero desejo de reconciliação.

- Paulo, gostaria muito de reencontrar com Augusto. Sinto sua falta e não mais o rancor que alimentava o desejo de vingança. Jesus não recomendou que nos reconciliássemos com os nossos adversários enquanto estamos ao lado deles? E nós não estamos no mesmo mundo? Pois será oportuno o encontro para buscarmos o entendimento redentor, que consolida o perdão e nos traz a paz da aprovação do Pai Celestial. Não é assim?

- Sem dúvida. O perdão entre as criaturas é condição sine qua non para o perdão divino ("perdoa-nos as ofensas assim como nós perdoamos nossos ofensores") que se expressa na paz de consciência, ao experimentarmos os efeitos confortáveis e agradabilíssimos da energia sublime emanada da lei de amor e caridade. Mantenha-se nesse padrão vibratório, paciente e com fé, e favorecerá a aproximação do nosso amigo, na hora certa e segundo a vontade do Pai que está no céu.

Ela silenciou, em prece sincera e sintonizada com planos superiores.

E Paulo falou, arrematando: assim seja!

Os designios de Deus se manifestam pela atuação harmoniosa de suas leis. Que são imutáveis e universais. Não se acomodam à vontade dos homens, que, pelo contrário, devem a elas se submeterem para que conquistas e realizações se façam em consonância com seus efeitos sublimes e grandiosos.

Mário Augusto já se encontrava no plano espiritual há muito tempo. Havia desencarnado infeliz e saudoso. Adquirira o hábito nocivo do fumo e da bebida. Atravessava as madrugadas recolhido ao seu escritório doméstico, tendo como companhias o vício prejudicial e a poesia benfazeja, que o retrogradava ao passado venturoso ou o projetava no porvir utópico, sempre em busca do amor desperdiçado, que lhe fugira entre os dedos. De tanto assim ser, faleceu com os pulmões carcomidos pelo câncer devastador, mas disse antes, no corpo enfermo e sofrido:

Quero morrer assim

Vendo-te chorosa com minha dor,
conformando-me no aperto de tuas mãos macias.
No momento da partida estarei feliz,
sem sofrimentos nem amargores.
Para o caixão irá o corpo,
mas contigo estarei eternamente,
vivendo luz de outros sabores.

Passado o tempo necessário a tratamento perispirítico adequado, equilíbrio, harmonia e retomada consciencial, estava ele habilitado pelo Misericordioso para o reencontro ansiado. Sua mentora, identificada por Áurea, articulada com Paulo, mentor de Samanta, providenciaram, divinamente, a aproximação das almas afins. Aconteceu num jardim paradisíaco, na presença muda e desnuda da natureza rainha, onde seus súditos são absolutamente respeitosos e reverentes. O vento soprava brando e caricioso, os pássaros cantavam alegremente e o lirismo da lua sensibilizava seus corações. Surgiram subitamente e ao mesmo tempo, num passe de mágica.

Abraçaram-se.

Choraram.

Desculparam-se. Perdoaram-se. E juraram: nunca mais se separariam e jamais cometeriam os absurdos dos tempos de Portugal.

Ato contínuo, apareceram Paulo e Áurea.

- Muito bem. Final feliz? perguntou Paulo.
- Sim, graças a Deus, disseram os dois.
- Calma, meus filhos, não é bem assim, ponderou Áurea. Uma coisa são promessas e outra são comprovações. O Pai é Misericordioso, mas, também, é justo, e nos governa e conduz pelo concurso de suas leis. Não há perdão sem reparação, nem amor sem comprovação.

Combinou-se, então, nova oportunidade, de provas e comprovações.

Avaliaram. Discutiram. Consideraram. Identificaram erros e falhas cometidas. Comprometimentos com a lei de Justiça, amor e caridade. Ausência de indulgência e tolerância. Egoísmo e vaidade acerbadas. Tudo isso precisava ser levado em conta no planejamento reencarnatório.

O projeto foi aprovado pela Espiritualidade Superior, representando a vontade sábia e factível de Deus, que

não coloca fardos pesados em ombros frágeis. Eles reencamariam no Brasil, nos anos 1700, na região centro-oeste, no estado das Minas Gerais.

Ela, Samanta, iria portar o vestuário masculino, atendendo com o nome de João Alberto.

Ele, Mário Augusto, renasceria no mundo denso com o sexo feminino e seria batizado com o nome de Maria Isabel.

Tudo combinado e selado, sob o testemunho do Céu e dos mentores assistentes e amigos.

A grande tela se apagou. Terminou o filme para Maria Isabel, abruptamente. Desfez-se o cenário revelador, sem a convencional informação do "fim" que exibem as telas dos cinemas de nosso plano. E não tinha porque, uma vez que a história não era mais do que uma regressão de memória, com intenção consciencial para retomada de posição numa estrada sem término.

Acabava de compreender as causas das frustrações e pesares por que passara em sua última encarnação, nas Minas Gerais. Do mesmo constrangimento a que submetera João Alberto, na personalidade de Samanta da encarnação penúltima, fora vítima na última experiência corpórea. Antes, o constrangedor masculino (Mário Augusto), depois, a constrangida feminina (Maria Isabel). Meu Deus, como somos falíveis! Tudo planejado, compromissado, conscientizado, no entanto novamente fracassaram, levados pelo ciúme dela e covardia de João Alberto.

O Boníssimo concedera a oportunidade de reajuste. Com generosidade, circunstanciou o encontro na Terra, aproximando-os na mesma cidade mineira, em famílias estabilizadas que lhes proporcionaram educação e costumes similares, de mesmo nível.

Amaram-se.

Trocaram juramentos.

Prometeram-se fidelidade.

Contudo, reincidiram no erro. Desviaram de rota. Obedeceram aos impulsos dos sentimentos pequenos, que se deslocam na contramão do progresso moral, arrastando os invigilantes e os fracos.

Maria Isabel até que aproveitou sua experiência feminina, enquanto solteira, no lar paterno, antes da clausura no convento de freira. Não realizou a missão maior da mulher: a maternidade, estado da alma em que o ser vivência o amor essencial, divino, na sua maior pureza, sem interferência da carne em suas paixões terrenas; quando aprende a combater o ciúme e preferências egoísticas. Lamentável.

O aprendizado no corpo delicado de mulher restringiu-se às tarefas domésticas desempenhadas com interesse e sucesso, como competente e valiosa auxiliar da mãe. Incorporara aos seus conhecimentos os predicados da boa dona de casa: aprendera a arte culinária e prendas domésticas. Educou-se para o matrimônio, embora tenha ele abortado na beira da praia (ou ao pé do padre). Pálido proveito, mas positivo. Melhor o passo de cágado do que o nada, que paralisa o processo evolutivo.

A poesia nela se manifestou, porque essa é forte e não se acomoda nos arquivos do inconsciente. É dinâmica, indisciplinada, não aceita ociosidade, talvez por ser dádiva do próprio Deus, que está em constante e eterna atividade, criando, mantendo e modificando. E Isabel fazia poesia, cantava o seu amor e exaltava o seu

Ciúme

Quero-te nos meus braços,
sozinho e só pra mim.

O meu amor não aceita divisão,
jamais te compartilharei com alguém.

Guardar-te-ei hermético na caixa do meu coração
para que eternamente possa eu te contemplar.

Ninguém te encontrará,
nem mesmo o sol ou a lua,
que em libertinagem santa poderiam te beijar.

Sim, senhor, somos imortais. Essa a grande realidade. As coisas começavam a clarear, cada vez mais nítidas. Perdera mais uma oportunidade de ser feliz ao lado do seu grande amor. Por que assim? E, agora, o que fazer?

Estava ela ali, ainda sentada, no auditório, ao ar livre. Qual não foi o seu espanto, quando voltou da meditação ao ouvir a voz amorosa de Áurea, em resposta às suas dúvidas introspectivas.

- Minha filha, assim foi porque você deixou-se vencer pelo ciúme, este sentimento nocivo que se antepõe aos bons propósitos do verdadeiro amor, que conjuga compreensão, confiança e segurança.
- Áurea, que susto! Você chegou agora?
- Não, estive o tempo todo aqui, sentada ao seu lado, também assisti a toda projeção do seu passado. Foi necessária a revelação para que você entenda a necessidade de vencer os inimigos interiores que nos acompanham de precedência longínqua, dificultando nossa romagem.

A mentora esclareceu-a do nosso fim, como criaturas humanas, porque e para que reencamamos. Deus nos criou simples e ignorantes, porém perfectíveis, dotando-nos, para isso, em essência, de todas as virtudes, que se desenvolvem através da prática do amor e da caridade. Esse desenvolvimento acontece na interação do Espírito com a matéria. Daí a necessidade das encarnações. Nesse trabalho edificante, muitas vezes nos desviamos da rota, tentados por paixões terrenas e conseqüente uso inadequado do nosso livre-arbítrio. É nessas ocasiões que ficamos vulneráveis às investidas do mal e retardamos nossa marcha, porque temos que recomeçar para o reajuste e correção necessários. Tudo ficará mais fácil e fluirá sem dores nem aflições, quando aprendermos a amar em plenitude, sem restrições nem condições.

Ela ouviu tudo com muita atenção, acompanhando o raciocínio e a emoção, assimilativa e persuadida. Muito lógica a exposição, não tinha do que duvidar. Por que somente agora foi esclarecida dessas verdades?

- Oblitarações, minha filha! Oblitarações! As trevas obscurecendo a luz. É necessária muita vigilância diante das seduções. (Respondeu Áurea, lendo seu pensamento).
- Minha amiga, desejo com toda força e sinceridade, de coração tocado e mente convicta, reencontrar João Alberto, para novos acertos e ajustes.
- Aqui estou, querida Isabel, nas tuas mesmas condições emocionais e espirituais: esclarecido e concordante. Desde o início dessas revelações. Sentado ao lado direito de Áurea e ao esquerdo de Paulo.

Alberto participara da reunião promovida pela Espiritualidade Maior, junto com outros desencarnados e encarnados (em desdobramento), envolvidos ou não naquelas passagens, e que recebiam dali ensinamentos importantes para educarem suas vidas, no combate a defeitos seus que ali se evidenciavam.

Jesus Cristo, que administra nosso Orbe, orienta e protege todos nós, seus irmãos infantis, permite as assembleias organizadas por Espíritos Superiores, com fins fraternos e redentores. É a lei do Amor, conjugada com a lei de Sociedade, para que se cumpra a lei do Progresso. A fraternidade abraçada com a solidariedade na marcha universal, em direção à perfeição. Tudo se encadeia, com infinita sabedoria: do átomo ao arcanjo.

Isabel, ainda mais surpresa ficou:

- Você também aqui? Oh! meu Deus, como sois bondoso!

Abraçaram-se, sem palavras, diante da clareza dos fatos e da luz cristalina e caridosa que os envolvia integralmente, Espíritos e corpos sutis.

Entenderam-se, eles. Explicaram-se as faltas mutuamente cometidas. Concluíram que precisavam de outra experiência carnal juntos, para se amarem dignamente, com respeito e sem medo, de conformidade com os

esclarecimentos recebidos dos seus protetores espirituais.

Fizeram o pedido aos seus respectivos orientadores, ansiosos e com sinceridade. Ela, a Áurea. Ele, a Paulo. A resposta que receberam de ambos foi a mesma: não estavam preparados para o empreendimento solicitado. Antes da experiência, urgia se educarem com o Evangelho de Jesus, nos ensinamentos morais. Já estava em tempo. Deveriam passar por estudos evangélicos educativos. Realizariam curso doutrinário próprio, com o fim de assimilarem o aprendizado do Mestre Galileu, em assuntos pertinentes a suas carências anímicas. Receberiam seis aulas, com temas específicos, que seriam ministradas por diferentes esclarecedores, e teriam eles, como alunos, proveitosas participações: num segundo momento da aula, após a exposição, seriam interpelados com perguntas que objetivariam consolidar a assimilação desejada. O curso seria realizado no educandário denominado "Casa de Educação Espiritual Jesus de Nazaré". As aulas teriam a duração de duas horas e ocorreriam duas vezes por mês (1ª e 3ª quintas-feiras), das 19:00 h às 21:00 h. No espaçamento entre os ensinamentos teóricos, iriam receber aulas práticas, participando de exemplos elucidativos. Oportunamente, receberiam mais informações.

Estavam sendo convidados aos estudos, ao aprendizado, à conscientização do dever com o Criador, na Universidade do além. Depois, sim, seriam encaminhados às oficinas de trabalho, quando, então, teriam a oportunidade efetiva de realização, pelas provas sábias e convenientemente elaboradas, para serem vivenciadas no mundo compacto.

Isabel e Alberto, obedientes e sensatos, concordaram com a medida, pois a vontade maior era a de ressarcimento, para crescerem como ser e se integrarem ao rebanho ordeiro do Pastor Supremo.

Não tardou, seus mentores, que os acompanhavam de perto, repassaram-lhes a programação educativa, BMH elaborada com critério didático e objetivo definido. Informava metodologia e assuntos das aulas que teriam dois momentos: uma hora de exposição e uma hora de interação, com perguntas e respostas.

A turma seria composta de trinta alunos e os seis assuntos foram escolhidos para serem abordados na seguinte ordem:

- aula 1: Conceito sobre evangelização
- aula 2: Essência divina
- aula 3: Um dia seremos felizes
- aula 4: O amor
- aula 5: Decepção
- aula 6: Como perdoar

Com a mesa diretora composta pelos dois benfeitores mais um esclarecedor, foi aberta a sessão com prece proferida por Áurea que externou seus sentimentos assim:

- Que o Mestre Amado Jesus nos envolva com sua luz de amor e sabedoria, iluminando nossas mentes e tocando nossos corações, para que os nossos trabalhos transcorram em clima de paz e serenidade, a exposição se faça com clareza e facilidade de compreensão e tenham todos o melhor aproveitamento possível, otimizado pela vontade sincera e fraterna de nos ajudarmos uns aos outros. Que Deus nos abençoe. Assim seja.

E todos, compenetrados e sintonizados, endossaram o "assim seja", com fé e esperançosos no êxito suplicado.

A aula foi ministrada por Paulo. Os recursos didáticos que utilizou ainda não são conhecidos no nosso mundo limitado que não passa de imprecisa e pálida imitação do de lá. Não foi empregado o avançado "data show" dos nossos tempos, que empolga e nos causa admiração, como encarnados de mundo subdesenvolvido se beneficiando de tecnologia de ponta, vinda da civilização de primeiro mundo. (Lado positivo da propalada "globalização"). Por lá, o comum é o nosso inimaginável, nosso inalcançável, porque o plano está em outra dimensão, os instrumentos, os meios auxiliares da comunicação, se projetam e se materializam (matéria quintessenciada) pelo pensamento, tomando formas adequadas à necessidade da explanação que está sendo transmitida. Assim, ora aparecem frases sonorizadas, projetadas em telas panorâmicas, ora aparecem figuras animadas interagindo como seres vivos e ativos, tudo em função do que diz o expositor em pensamento. O processo, para nós humanos encarnados, é incompreensível, difícil até mesmo de descrever. O fato é que a aula (Conceitos sobre evangelização) foi dada com incrível ilustração e entendida por todos com aproveitamento absoluto. Na primeira parte, os educandos ouviram do evangelizado professor, em síntese:

- Evangelizar é ação cristã, abrangente e muito importante. Tem o objetivo de levar a mensagem do Cristo aos corações das pessoas. Isso mesmo, ao coração, morada própria e definitiva dos ensinamentos do Mestre, único lugar em que a semente da Boa Nova poderá germinar em árvore frondosa e de bons frutos. Dali, sim, poderemos retirar todas as recomendações, diretrizes e rumos, que nos foram legados pelo Messias, e praticá-los no nosso dia-a-dia, para fazer a vontade do Pai Celestial, expressa em suas leis imutáveis e universais. Há um caminho a percorrer nessa ação missionária que envolve duas criaturas atuantes: o evangelizador e o evangelizando. E na estrada estreita, porém edificante, desloca-se a palavra de Deus até chegar ao lugar de persuasão, do aprendizado, em que fazemos análises, comparações e reflexões, digerindo-a com raciocínio inteligente. Isso se processa na área do intelecto, no campo da razão. Sem dúvida é passagem necessária, contudo transitória, não poderá jamais se tomar morada definitiva ou fim de linha,

senão o verbo perderá força e poderá não alcançar a finalidade colimada: o crescimento moral do indivíduo (evangelizador ou evangelizando). Neste estágio de aprendizagem apenas, corremos sério risco de nos fascinar com a compreensão da mensagem evangélica, pelo que de belo e inteligente contém. Empolgados, queremos repassá-la com ânsia, no afã de estar contribuindo na sua divulgação. E, com esta visão bem-intencionada porém incompleta, não nos damos conta de que também é imprescindível levá-la ao coração, o lugar certo e propício para a plantação. E naquele abençoado pomar que deveremos nos abastecer das sementes divinas para fazer a sementeira externa. Apresenta-se- nos, cristalina e imperiosa, a vigilância de todos nós, pretensos apóstolos do Nazareno, mormente no aspecto religioso-evangélico, para exemplificarmos o que ministramos. Urge esta providência. Não é que estaremos prestando um desserviço à Doutrina Cristã, deixando a palavra do Pai permanecer indefinidamente em morada imprópria. Mesmo assim, a divulgação estará acontecendo. Um evangelizando mais sensível poderá receber a semente com proveito intelectual e repassá-la, vitorioso, ao coração, dela maximizando os seus efeitos, maravilhosos e evolutivos. O prejuízo se encontra para aqueles mais endurecidos, com sensibilidade pouco desenvolvida. Haverão de encontrar dificuldade na absorção dos ensinamentos, porque a palavra se lhes apresenta desprovida da energia e vibração que só a vivência lhe confere. O campo vibratório criado ao se falar ou interpretar o amor e caridade cristãs não tem a mesma intensidade quando, inóspito, sai do intelecto, sem a participação emocional do coração. Não são raros os depoimentos de irmãos do nosso plano, lamentando essa invigilância cometida quando encarnados. Portanto, em duas ações ocorre o processo de evangelização. Uma é meio. A outra é fim. A primeira delas diz respeito ao estudo do Evangelho de Jesus, nos seus ensinamentos morais, quando interpretamos, avaliamos e nos convencemos de suas verdades. Pode ser realizada em grupo ou não. A outra ação é um trabalho individual, privativo, e cada um colhe o resultado do seu próprio esforço. Trata-se da aplicação, no dia-a-dia, dos ensinamentos captados. E quando se dá a iniciação da reforma íntima. O educando, ao conduzir os seus passos sob a orientação do evangelho, promove, no seu espírito, verdadeira revolução moral, e a materialidade perde espaço, sobremaneira, para a espiritualidade. Aí se encontra a resposta edificante e grandiosa da evangelização: transformação do Espírito doente, abatido e desesperançado, no Espírito saudável, animado e confiante na vida futura, pronto e fortalecido para vencer suas expiações e provas redentoras, no mundo físico. Mas o processo não é estanque, pois a reforma íntima visa o melhoramento do Espírito na caminhada inexorável em direção à perfeição. É o trabalho incessante do homem imperfeito que, consciente, decide vencer suas dificuldades morais, em louvável ato de coragem e fé. Opta pela renúncia dos prazeres e paixões materiais em benefício do próximo. Abraça a ideia da caridade cristã e passa a praticá-la, redimindo-se, pouco a pouco (pois a natureza não dá saltos), dos seus erros e compromissos de passados próximos e longínquos. E assim caminha a humanidade, com o beneplácito fraterno da lei divina do Progresso.

Muita paz. Fiquem à vontade e apresentem suas dúvidas.

Isabel participou com pergunta tripla. Quis saber:

- E quando reencarmos iremos nos lembrar de tudo o que aqui aprendemos? Qual a religião que deveremos seguir? E como chegar até ela?

O esclarecedor respondeu solícito, com paciência e fraterno respeito.

- O aprendizado ficará gravado em sua consciência e será liberado por intuição, em função de sua vigilância, boa vontade e determinação. Todas as religiões são concordantes nos ensinamentos morais do Governador de nosso planeta, de modo que minha irmã pode ficar tranquila e despreocupada a esse respeito.

Outras intervenções ocorreram e de lá saíram todos devidamente instruídos e convencidos, integrados e

felizes.

Isabel despediu-se de Alberto, beijando-lhe as mãos.

Seguiu para sua morada, que não era a dele.

33

A morte nada mais é do que a passagem por uma [divisória de material espesso e impenetrável (porta I corta-vibração) que separa o plano físico do plano espiritual.

"De repente, não mais do que de repente", esgotado o fluido vital, rompido o laço de matéria quintessenciada que nos prende ao corpo físico, por ela adentra nosso corpo espiritual (perispírito), para se localizar no mundo compatível com nossa realidade mental e moral. Lá chegamos nas mesmas condições intelectuais-morais com que partimos. Não há solução de continuidade. Do outro lado, somos o que fomos, pelos menos no início da erraticidade (vida sem o concurso da vestimenta grosseira). Nada perdemos e nada ganhamos, no nosso patrimônio psíquico.

Os alunos do curso de educação evangélica, por avaliação competente da Espiritualidade Superior, estavam se inteirando dos ensinamentos morais do Rabi da Galileia, ou reciclando-os. No entanto, só lhes seriam contabilizados com as provas e comprovações a serem exercidas do outro lado, sob estorvos e abrolhos, no processo do fazer e não apenas do aprender.

A segunda aula (Essência divina) ficou a cargo do expositor de nome Clemente e teve o seguinte desenvolvimento.

- Afirma-se que nossa essência é divina. Deus está em nosso coração, também ouvimos dizer. O Criador nos criou a sua imagem e semelhança, outra assertiva. Somos capazes de realizar prodígios, se conseguirmos utilizar todo nosso potencial energético e divinal.

"com a fé do tamanho do grão de mostarda, se disseres aquela montanha desloca-te daqui para ali, ela se moverá", assegurou o Mestre Maior, o Messias Divino. "Vós sois Deuses" (João, 10:34). Ora, se tudo isso somos, e não temos dúvidas de que muitos são os nossos defeitos e imperfeições, é porque todo esse potencial maravilhoso dormita em nossa intimidade, aguardando o momento propício para despertar e atuar magnífico e sublime, com cada virtude e sentimento divino operando em consonância com as leis imutáveis do Pai, como assim exemplificou o Enviado Maior. Virtudes e sentimentos divinos, aprendemos a identificar com os ensinamentos evangélicos do Cristo, são: amor, caridade, compreensão, indulgência, fraternidade, paciência...e tudo mais que compõem o perfil da criatura, semelhante ao próprio criador. (Não estamos perfeitos, mas somos perfeitos na essência, porque assim fomos criados; se nos desviamos da estrada da retidão, em nossas jornadas, haveremos de recomeçar no lugar do equívoco para prosseguir na caminhada evolutiva interrompida. Estamos imperfeitos, mas somos perfectíveis). Que estamos imperfeitos, não há dúvida. Quem não haverá de reconhecer a presença atuante, na nossa personalidade, de sentimentos pequenos, tais como desamor, descaridade, incompreensões, impaciência e outros antagônicos àqueles essenciais? E como surgiram eles, os perturbadores da harmonia cósmica? Quem os criou? Não há como deixar de concordar que são frutos de desserviços morais, erros cometidos pelo uso inadequado de nosso livre-arbítrio. Somos seus pais. Com segurança, podemos dizer que são inibidores de nossas virtudes, dádivas divinas, reais, perenes e co-criadoras. Ao passo que esses intrusos são virtuais, temporários e mortais. E cabe a nós mesmos extingui-los, num processo de erradicação consciente, valendo-nos dos ensinamentos do Excelso Mestre e do seu exemplo de vida terrena. Assim procedendo e vencendo este "bom combate", libertaremos a nossa realidade divina. Para cada opositor eliminado, desperta resplandecente e poderoso o sentimento sublime que, embora oprimido, triste e decepcionado, recolhido no

âmago de nosso ser, jamais deixou de confiar na triunfante libertação. Cada virtude liberada se constitui em poderosa força que, aliada às exteriores, emanadas do Pai através dos seus Emissários Superiores, livrarão outras, em cadeia irreversível e crescente, até alcançar a plenitude da libertação.

Portanto, a grande preocupação com o nosso processo evolutivo deve ser trabalhar para vencer os nossos inimigos interiores, destoantes mas precípeis. Cada um que falece, surge o correspondente divinal, tremulando a bandeira gloriosa da vitória, na marcha inexorável em direção à Inteligência Suprema. Expira a impaciência, ativa-se a paciência. Desaparece a inclemência, surge a indulgência. Elimina-se a intolerância que leva à precipitação, atua a tolerância que, com sabedoria, propicia conquistas e realizações positivas. O combate ao desamor favorece o desenvolver do amor, maior força edificante do Espírito. Assim, passo a passo, vamos reativando nossas virtudes essenciais, recursos de que dispomos para alçar a escalada da perfeição, como é da vontade do Criador Perene.

Passaremos, agora, à segunda parte dos NOSSOS ENCONTROS E DESENCONTROS – Gilberto Moreira Veras trabalhos. Fiquem à vontade e apresentem suas dúvidas. Que a paz de Jesus permaneça conosco.

Duas perguntas bem interessantes foram formuladas.

1. Em que consiste nossa semelhança com Deus?
2. Como trabalhar para vencer nossos inimigos interiores, se nossas forças, que são as virtudes essenciais, estão dormitando, latentes, em nossa intimidade?

Clemente as respondeu em tela mental de grandes dimensões, com gravações em som de excelente qualidade e com vibrações amorosas, percebidas com conforto pelos atenciosos participantes.

1. Somos semelhantes a Deus nas virtudes, nas nossas ações harmoniosas e voltadas para o bem, na nossa natureza espiritual, de amor e caridade. Nunca na forma, que é propriedade da matéria, e Deus é absolutamente imaterial.
2. Buscamos força auxiliar na prece sincera, na vigilância, na vontade forte e determinada, na fé em Deus e na vida futura, lembrando sempre o exemplo do Filho Maior, que deve ser o nosso guia e modelo.

E despediu-se, encerrando a aula:

– Que tenham todos uma boa noite, abençoada por Deus, nosso Pai Criador.

Aplausos sinceros e agradecidos desfizeram o grupo disciplinadamente, em alegria branca e ordeira.

34

João Alberto e Isabel estavam ansiosos e emocionados quando se encontraram na entrada do Educandário.

– O assunto de hoje é por demais interessante. Desculpe, esqueci até de cumprimentá-la (desejou boa noite e beijou-lhe a mão).

– Boa noite. Interessantíssimo, respondeu Isabel, nervosa e com graça.

Entraram na sala, acomodaram-se em assentos contíguos e ouviram Áurea, com muita simpatia, desenvolver o assunto da terceira aula: Um dia seremos felizes.

– Queiramos ou não, seremos felizes. Essa é a vontade do Pai. E, para nós, consiste no grande prêmio de viver, vencendo provas e expiações, sofrimentos e dores. Porém, contribuindo com o projeto divinal e misericordioso, magnífico, na sua natureza e nos seus propósitos. Somos pequeninas forças que, somadas a incontáveis parcelas (maiores ou menores) e sob a regência da força Suprema, construiremos, solidários, mundos felizes e, neles, habitaremos, para participar do trabalho infindo de construção de novos orbes, na produção inesgotável do Criador Incessante. Todavia, a questão que nos aflige diz respeito ao tempo. Quando seremos felizes? Qual o prazo em que deixaremos de ser desditosos? Em dezenas, centenas, ou milhares de

anos? Tudo dependerá do rumo que dermos ao nosso livre-arbítrio.

Se preferirmos a porta larga da perdição, iludidos com os prazeres e paixões terrenas de caráter puramente

ENCONTROS E DESENCONTROS – Gilberto Moreira Veras

material, onde campeia o egoísmo, refratários aos ensinamentos preconizados por Jesus no seu Evangelho, código de moral cristã e que expressa as leis do Excelso Pai, haveremos, realmente, de penar por muito tempo. Ficaremos marcando passo, ora gozando efêmeras satisfações ou alegrias, ora lamentando quedas e depressões. Até quando dores e dissabores, cada vez mais intensos e que são arrastamentos de leis naturais, nos conduzirem à porta estreita da salvação. Se, de modo inteligente, lúcido e sensato, logo optarmos pelo caminho da renúncia, onde a prevalência são os valores morais-espirituais e o trabalho a serviço do bem e do próximo, com certeza abreviaremos o momento de chegada ao porto de destino, com a embarcação favorecida pelos ventos de feição¹.

O Cristianismo é árvore majestosa cuja sombra de refazimento e reparação pode e deve beneficiar toda a humanidade. Seus frutos nutrem aqueles que têm fome e sede de conhecimento e já desistiram da porta larga, dela se retirando pela saída do reajuste consciente, sempre doloroso em forma de experiências indesejáveis. Nessas condições, somos criaturas que caminham à luz do Evangelho, para acender a fé e fortalecer a esperança na vida futura. Na sua proposta de fraternidade, a Doutrina do Cristo abre suas portas sem preconceitos nem preferências, oferecendo a todos seus ensinamentos de renovação e crescimento espiritual. É a estrada da verdade que devemos palmilhar para apressar nossa chegada ao paraíso, triunfantes, aperfeiçoados e felizes. Mas, esse dia chegará para todos, indistintamente, cedo ou tarde, porque esta é vontade do Pai Compassivo.

Muita paz. E que Deus nos abençoe.

Foram feitos dois questionamentos de interesse geral, um de Isabel (o primeiro) e o outro de João Alberto.

1. A certeza de que todos nós haveremos de chegar no mesmo estado de felicidade, não poderá contribuir para nossa acomodação espiritual?
2. Não poderemos alcançar a felicidade antes mesmo de chegarmos ao paraíso prometido, que me parece muito distante de nossa realidade?

As respostas da doce mentora foram esplêndidas.

1. E da natureza da criatura humana buscar a felicidade, por ser uma meta, um objetivo divino. O trabalho espiritual é sempre neste sentido, portanto nada acomodará o espírito que é naturalmente impulsionado por leis superiores na direção desse estado de sublimidade. Pelo contrário, esta certeza o animará de fé e coragem para vencer os percalços de caminho.
2. A felicidade relativa, sim. A absoluta, não. O estado de felicidade em plenitude ocorre em processo crescente, na medida que subimos na escala evolutiva. Em cada posição astral em que nos encontramos! experimentamos um grau de felicidade, mais ou menos efêmero, de sensações com maior ou menor conforto e sutileza.

E acrescentou seus cumprimentos finais.

35

– Boa noite a todos e façam bom proveito de nossa aula.

Jubilosos e esperançosos, retomaram às suas localidades de repouso os dois desencarnados que por longo tempo, na jornada da vida, encontravam-se e se desencontravam, no vai-e-vem das oportunidades falidas.

Os trinta alunos da turma se dividiam em desencarnados e encarnados, sendo que os primeiros eram fixos, isto é, os mesmo, e os outros, nem sempre, pois notavam-se caras novas sem alteração no número de participantes.

¹* ventos favoráveis ao caminho que se deseja seguir

Provavelmente esses remanejamentos ocorriam em função das necessidades e merecimentos de cada um. É comum, no sono, os Espíritos se libertarem temporariamente (desdobramentos), com seus perispíritos, e receberem ensinamentos e orientações no mundo etéreo. Lá, eles são identificados por um cordão fluídico que os liga ao corpo físico. Essas experiências são responsáveis, na maioria das vezes, pelas nossas intuições e motivações.

As aulas práticas eram realizadas regularmente, conforme a programação. Equipes de benfeitores conduziam o grupo para presenciar situações e histórias que comprovavam os ensinamentos das aulas teóricas, através de projeções mentais, nos processos de ideoplastia (o pensamento, pela força da vontade, plasmando cenas ilustrativas e esclarecedoras). Nessas aulas, consolidava-se o aprendizado.

Os dois, Augusto e Isabel, estavam muito entusiasmados com o curso que lhes abria novos horizontes pela luz dos entendimentos nunca antes observada. O conteúdo das matérias, a metodologia adotada e a capacidade extraordinária dos expositores, impressionavam-lhes profundamente.

A quarta aula (O amor) lhes foi transmitida, bem como aos demais, por Entidade de nome Livia, meiga e carismática.

- Que reine neste ambiente paz e harmonia, para que nosso trabalho alcance aproveitamento máximo, com a graça de Deus (sua voz era mansa e agradabilíssima).

- A expressão primeira do amor é o instinto. Podemos dizer que este sentimento primário é a semente do outro, a árvore divina que cresce naturalmente para, quando no ápice, resplandecer em frutos esplêndidos e poderosos. Dá-se, aí, a comunhão da criatura com o Criador. Esta árvore é o caminho, o meio que leva à salvação, nos nivela como irmãos verdadeiros e nos promove como co-criadores, sob os auspícios e aprovação do Pai Superlativo.

A rigor, nosso compromisso maior como Espírito (ser inteligente) é justamente fazer com que esse embrião se desenvolva, passe por todas as fases de crescimento, rompendo obstáculos e intempéries, vencendo óbices e desafios.

As leis divinas estão entrelaçadas, são perfeitas e a tudo se aplicam. Assim é a do amor, na sua marcha inexorável, contínua, linear e natural. Esse sentimento se desenvolve a partir da origem, quando plantada foi a semente (em essência somos amor), e se estende até o infinito, na sublimidade. A velocidade dessa caminhada depende do nosso esforço, determinação e acertos na obediência às leis de Deus que nos regem.

O Coordenador Supremo, na sua infinita misericórdia, nos abastece de meios e recursos para que realizemos a missão divinal: jardineiros do amor que regam a árvore (que somos nós mesmos) a partir da semente e cuidam do jardim em que ela se encontra, limpando-o com zelo e carinho, e libertando-o das ervas daninhas. O trabalho especial desse profissional predestinado se constitui num aprendizado que o eleva e capacita-o cada vez mais na sua digna e maravilhosa função. Dizemos, então, que nossa meta é nos graduar em amor. Para isso nos são dadas inúmeras oportunidades através de reencarnações. Cada uma delas com diversos cursos a serem realizados, porém o básico, aquele que nos fundamenta e nos supre para projetar e estender os ensinamentos apreendidos, acontece no educandário do lar, no convívio e relacionamento com os nossos familiares.

Veza por outra, na experiência camal, já com família constituída, nos deparamos com situações em que identificamos pessoas que nos são simpáticas e por elas ficamos atraídos por sentimento fraternal. Deve ser o caso de reencontros de espíritos afins, já com alguma experiência amorosa de existências acontecidas. Ótimo. Louvemos o Pai pelo feliz encontro. Alimentemo-nos de vibrações amorosas espirituais. Não desperdicemos a excelente oportunidade de regar nossa árvore-amor. Porém, não podemos esquecer as circunstâncias e condições reencarnatórias em que o encontro se deu. Amemo-nos, sim, é óbvio e necessário. Mas não confundamos esse amor espiritual, sublime e com um passo à frente, com aquele decorrente de laços de família consanguínea, com

características próprias, em que, sem dúvida, nosso compromisso, na dita reencamação, é maior, por motivos outros que desconhecemos.

Muito obrigada, estou à disposição dos queridos irmãos e irmãs, para as perguntas. Fiquem à vontade. Uma pergunta reuniu as dúvidas de todos. Partiu de um encarnado.

- Respeitosa instrutora Lívia, então seria condenável, numa experiência reencamatória, desligar-nos de nossa família consanguínea para nos unir a outra em que identificamos vibrações amorosas intensas, oriundas de existências do passado?
- Depende. Vamos esclarecer. Obviamente o desligar a que você se refere tem caráter físico, porque espiritualmente as circunstâncias não nos separam dos nossos entes queridos. Então, afastar-se do educandário familiar para o matrimônio, constituindo nova família, nada tem de negativo, pois o procedimento está em consonância com às leis divinas (de sociedade, progresso, reprodução e amor) e a nenhuma outra contrária. Contudo, se o desligamento se faz para conviver em outro lar, com alegação de que ali se encontram afetos de existências anteriores, há, realmente, um grande equívoco nesse proceder, porque uma lei natural está sendo desconsiderada, a Lei da Ação e Reação, ou Causa e Efeito, que reúne diferenças e desafetos para se ajustarem pela Lei do Amor.

Com tudo esclarecido, encerrou sua brilhante exposição:

- Fiquem em paz. E tenham todos uma boa noite

E apareceu, para aplauso geral, imensa folha de papel especial, modelada pelo pensamento de Isabel, em que estava escrito.

Por amor estamos aqui,
felizes e satisfeitos,
mais tarde estaremos lá,
praticando o que aprendemos.
Que Deus nos ajude a vencer
para quando novamente voltarmos
dessa instrutora querida
possamos outras aulas receber.

36

Na casa do Pai há muitas moradas. Pluralidade dos mundos habitados, um dos princípios básicos da Doutrina Espírita, como também o são: existência de Deus, imortalidade da alma, reencamação, esquecimento do passado, comunicabilidade dos espíritos, lei da evolução e lei moral.

Muitas, muitas moradas mesmo, na mais ampla gradação, de conformidade com o padrão vibratório dos seus habitantes. Cada mundo, um conjunto de subconjuntos de moradas, agrupando moradas menores.

Isabel e João Alberto, por exemplo, encontravam-se num agrupamento de moradas, uma Colônia de Refazimento e Preparação Reencamatória, e cada um na sua morada menor, que poderia reunir outras Entidades, em grupos solidários e unidos por vibrações semelhantes e necessidades afins, criteriosamente distribuídos.

Salvo em encontros edificantes para seus tratamentos, permitidos pelos seus mentores, eles só se aproximavam nas aulas, teóricas ou práticas, que aguardavam com saudável ansiedade.

Importavam-lhes todas as preleções, pois os assuntos sempre lhes diziam respeito, eram inteligentemente direcionados aos seus pontos fracos, com o intuito de conscientizá-los do imperioso reposicionamento comportamental. Aliás, o curso já foi elaborado com este fim: propiciar aos alunos o autoconvencimento de

verdades que os impeliriam a correções de conceitos transviados. E os alunos eram selecionados pelas suas carências mais acentuadas. Daí a atenção e interesse absolutos de todos.

A Quinta aula foi ministrada pelo expositor que se apresentou ao grupo com o nome de Leocádio, após a saudação de praxe.

O assunto (Decepção) foi abordado assim.

- Quem não já sofreu uma decepção na vida? Há aquelas que são graves, fortíssimas, abalam com o nosso emocional e deixam-nos desmotivados e tristes, pelo que de injusto e de desleal encerram. E quando acontecem numa seara em que estamos inseridos, colaborando com amor e fé, a coisa complica. Normalmente, ao lado da depressão, vem, também, os questionamentos sobre a validade da causa, sobre sua produtividade ou sementeira. É justificável, tem aprovação do Cristo e da Espiritualidade Superior plantar em terreno árido, estéril e pedregoso? E interessante refletirmos sobre o tema.

O correto comportamento diante da desilusão não deve ser o de tristeza mas o de quem foi amparado, protegido. Se você experienciou uma desilusão, dê graças a Deus. Comemore, agradeça e seja feliz. Desilusão significa estado de consciência subido. Foi um passo dado à frente, na libertação do falso, da hipocrisia e do embuste. Quem chora com a desilusão informa que a ilusão lhe é agradável, o que não é lúcido e muito menos saudável. Logo, agradeça ao Pai pela oportunidade de crescimento.

O cuidado que se deve ter é com a avaliação racional do fato gerador da decepção. Para não confundir a mensagem impoluta com os desvios equivocados do mensageiro, na sua condição astral inadequada de incompetência, inexperiência ou inabilidade. Em outras palavras, no desespero da inconformação, não atribuir as falhas do homem ao Infalível. Nossa postura, de imediato, deve ser de compreensão, para dar início ao processo de perdão, recorrendo ao Misericordioso, para que a luz do amor e da sabedoria toque o coração e mente daquele que provocou o escândalo. ("O escândalo é necessário mais ai daquele por quem ele vem" - Jesus). Também devemos nos prover da visão de vida futura e atentar para ensinamentos de Entidades Superiores: "As vicissitudes e as tribulações da vida são apenas incidentes que o homem enfrenta com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos de uma situação mais feliz".

Somos apóstolos de Jesus. Cabe-nos plantar a semente da Boa Nova. Porém, não é inteligente nem sensato desperdiçá-la em terreno despreparado, onde não poderá dar frutos. Primeiro devemos adubar o solo, removê-lo, livrá-lo das ervas daninhas. Este trabalho, seguramente, deve anteceder ao plantio. É o que agora nos cabe fazer, em conjunto com os Bons Espíritos, encarnados e desencarnados, sob a supervisão maior do Filho e o amparo supremo do Pai. Depois, sim, providenciaremos o cultivo, no mundo material, instruídos e fortalecidos para remover montanhas, se formos voluntariosos no cumprimento das boas resoluções, aqui deliberadas.

Muito obrigado. Fiquemos com Deus, e manifestem suas dúvidas para que o entendimento se faça pleno e convincente.

E foram colocadas duas perguntas.

1. O causador do escândalo deve ser apontado por quem ele escandalizou, para que outros também não sejam por ele prejudicado?

2. Em que consiste a vida futura?

Respostas de Leocádio, na ordem;

1. Tudo depende de nossa intenção. Se é realmente a caridade que está em vista, sincera e vinda de um coração sem mágoa ou rancor, a informação é positiva, pois poderá evitar constrangimentos ou atitudes impensadas e desastrosas. No entanto, se for alentada pelo sentimento de vingança, o procedimento é antífato e não será agradável ao Indulgente Pai.

2. A vida futura é uma meta para a qual todos nós estamos voltados. E a luz da esperança, o convite à felicidade, o lugar do bem-estar, da paz de espírito, da bem-aventurança. Ela está sempre à nossa vista, mas caminhando à nossa frente.

Ato contínuo, esgotadas as dúvidas a esclarecer, considerou os trabalhos finalizados:

- Muita paz e amor no coração. BoaNoite.

Na projeção em tela formidável, construída por pensamento único e harmonizado, responderam todos, com fraternidade e consideração:

- Boa Noite! Obrigado, professor, pela excelente aula.

O mundo espiritual estava facultando conhecimentos ^Haos nossos protagonistas. Basicamente, para eles, EH funcionava como Universidade da Vida, onde recebiam ensinamentos morais redentores e convenciam-se da necessidade de mudanças de comportamento, para vencer sentimentos perniciosos, no bom combate íntimo a que se referiu Paulo de Tarso.

Nesse aprendizado, evoluíam em compreensão, no entendimento cristão e na conscientização espiritual. Estavam recebendo as bênçãos do conhecimento, a clareza do saber. A Divina Providência provia-os dos meios para edificarem a obra que solidariza as criaturas nos sentimentos de fraternidade, amor e caridade, em interação com a matéria densa. O produto final fica valorizado pelo trabalho triunfante e meritório da alma encarcerada que vence as resistências grosseiras que se lhe opõem. Estavam agradecidos pelas benesses, mesmo sabendo da responsabilidade assumida e que foi lembrada pelo Mestre Maior: a quem muito foi dado, muito será pedido.

Continuavam animados, perseverantes e com ótimo aproveitamento do curso.

Felizes e satisfeitos, assistiram à última aula (Como perdoar), a cargo da esclarecedora Marta que, de aura iluminada, assim se expressou:

- Que Deus me ilumine para que eu possa repassar o assunto com clareza, e a vocês para que o assimile com facilidade.

Perdoa aqui. Perdoa ali. E vamos perdoando. Setenta vezes sete vezes, como recomendou, de modo metafórico, o excelso Mestre. Devemos perdoar sempre que a ofensa nos alcance, pretendeu Ele instruir o apóstolo Pedro que vacilava quanto ao correto posicionamento diante da infâmia, injustiça, mentira e outras agressões cometidas por irmão infantil, de coração ainda despreparado para o exercício sublime da fraternidade.

Bonita e simples, a recomendação do Messias Galileu. Mas será fácil praticar o verdadeiro perdão, aquele que emerge do coração e pulveriza a ofensa, sepultando-a no hermético cofre do esquecimento, em cemitério desconhecido e nos confins do mundo? Seguramente que não. Nem sequer uma vez. Quanto mais "70 vezes 7 vezes".

Perdoar faz parte do processo evolutivo de cada um. Indica a posição astral em que nos encontramos em nossa jornada espiritual. Quanto maior nossa capacidade de perdoar, mais elevados nos situamos. Perdoamos ofensas. E essas ofensas têm tamanho, força ou intensidade, com alcance limitado na vertical e sem limites na horizontal.

Quando o ofensor lança o seu projétil venenoso na direção vertical, só atingirá o objeto até uma determinada altura que é função de sua força negra e doentia. A gravidade divinal do amor (poderosa força do Criador que atua no cosmo universal no sentido do bem: quanto mais elevado o plano espiritual, maior a intensidade dela) encarrega-se de anular a oposta, oriunda do ser ignorante e infeliz que se compraz com o mal, nos seus sentimentos pequenos e deletérios. Se, no entanto, o lançamento for na horizontal, por se encontrar o arqueiro malvado no mesmo nível do objeto, não há como evitar. Este será fatalmente atingido pela flecha diabólica e terá que penar para se refazer do golpe.

Portanto, só há uma receita para conjugação deste verbo edificante: evoluir sempre, caminhar na vertical, subir, para ocupar lugar cada vez mais difícil de ser alcançado pelas pedras maledicentes do agressor, por mais violentas que sejam elas. Assim procedendo, estaremos ajudando o nosso irmão tresmalhado que, de tanto esforço inglório, mudará seu campo mental em busca de algo mais produtor e confortável. Volta-se, espelhando-se pelo próprio objeto visado, para sua reforma interior, iluminada pelo Evangelho de Jesus, nos seus ensinamentos morais e virtuosos.

Quando nossa posição astral for tal que nenhuma investida do mal, por mais potente que seja, nos alcança,

teremos, então, atingido o limite máximo de nossa capacidade de perdoar. Aí, seremos anjos (espíritos puros) e o perdão, como entendido por cá, não terá lá (nos mundos celestes) qualquer sentido, desaparece por inatividade ou desuso.

Obrigada pela caridosa atenção. Estou à disposição de vocês para tentar dirimir dúvidas suscitadas.

Alberto e Isabel, em pensamentos telepaticamente somados, plasmaram, em lindo papel colorido, duas perguntas por eles escritas e assinadas.

1. Por que a ofensa lançada na direção horizontal atinge o alvo sempre, independente da distância em que se encontra?
2. Então, nos mundos celestes não se perdoa?

Respondeu Marta, com indizível delicadeza e benevolência.

- Meus filhos, antes de tudo, parabéns pela sintonia, o que prova que vocês estão afinados e unificados em propósitos e resoluções. Mas, vamos às respostas das suas interpelações comuns e que, sem dúvida, é de interesse geral.

1. Ofensa lançada na direção horizontal significa dizer que o ofensor e o ofendido se encontram no mesmo plano de vibração, na mesma frequência vibratória, onde o trânsito do pensamento é livre através de fluidos espirituais de mesma natureza. Não há obstáculos, qualquer impedimento, caminho liberado, a sintonia é perfeita, nessas circunstâncias de nada vale o posicionamento relativo, tanto faz o emissor e o receptor estarem próximo ou longe.
2. O perdão, que se relaciona com a ofensa, consiste em esquecer, relevar, sarar a ferida que a investida causou, limpar o coração de mágoa ou rancor. Neste sentido, quem ofende é imperfeito e quem perdoa também, porque foi ferido. Como nos mundos celestes não há imperfeições, lá os Espíritos não se ofendem, e ofensas por ventura lançadas de mundos inferiores não os alcançariam. O perdão no mundo dos Espíritos puros pode ser concebido como vibrações de amor por eles emanadas, em forma de Lei divina, que envolvem todas as criaturas que perdoam o seu próximo. Por isso Jesus falou: perdoai para que Deus vos perdoe, isto é, vos abençoe com os eflúvios benfazejos e confortáveis de sua lei de Amor.

Sem mais questões, terminou com docilidade:

- Boa noite! E que Deus esteja sempre conosco.

Ouviu-se uma voz melodiosa, desconhecida em nosso

mundo sonoro, que emocionou e fez chorar todos os olhos, pela intensa vibração amorosa que irradiava.

- Façam todos ótimo aproveitamento do curso, com fé no Pai de Infinita Bondade que os tem como colaboradores valiosos na realização de sua majestosa obra de criação, inigualável e perene.

Entenderam eles ter sido a mensagem proferida por Entidade Superior que se ocultava para não causar choques ofuscantes com sua vibração de alta frequência.

Instruídas e preparadas, as almas afins, que vibravam ^HBem mesma frequência, voltaram-se para seus projetos reencamatórios.

Solicitaram reunião com seus mentores. Foram atendidas. Tinham anseios, ideias e planos, mas não sabiam avaliar, com segurança, as implicações dos seus propósitos, o que era factível ou não, suas capacidades de realização, de suportarem os fardos de suas provas no mundo pesado da matéria.

Na assembleia de quatro, Alberto expôs seu desejo de reencamar como mulher e constituir família com Isabel, para reparar seu erro, pelo amor e dedicação a ela (que seria ele) e aos filhos que procriariam. Consideraria o lar como Educandário Divino, conduzindo-o à luz da Doutrina de Jesus, com abnegação, indulgência, fraternidade e muito amor, no relacionamento com o esposo e filhos. Escolheria para berço terreno a região nordeste do Brasil, onde teria mais oportunidade de servir na seara do Mestre Amado, apostolando e exercitando seus ensinamentos morais.

Isabel também submeteu sua aspiração, dizendo:

- Faço minhas as palavras de Alberto no que se refere à edificação do lar. A experiência como esposo será a oportunidade de consolidar o meu perdão e exercitar as virtudes da tolerância e humildade para combater o egoísmo que vem se manifestando em minha vida disfarçado no abominável ciúme. A região terrena, escolhida por ele para renascer, também atende ao meu projeto de servir ao próximo. Gostaria, ainda, de atuar

ENCONTROS E DESENCONTROS – Gilberto Moreira Veras

na área literária, por entender que a comunicação escrita é meio eficaz de propagação da moralidade e de enaltecer sentimentos nobres, que auxiliam na evolução espiritual do homem.

Áurea e Paulo aprovaram as reivindicações de seus protegidos, mas recomendaram muito cuidado para não caírem em tentações e serem arrastados pelas paixões do mundo ilusório.

Isabel partiria primeiro.

Três anos depois, reencamaria João Alberto.

Até lá, estariam todos, reencamantes, mentores e equipe técnica, empenhados no processo de preparação reencamatória, obedecendo à tecnologia espiritual de planejamento para os novos corpos, que define volume de fluidos vitais, potências orgânicas e outras informações específicas e necessárias-à prova.

E a reunião foi encerrada com Áurea suplicando ao Boníssimo coragem e fé para aqueles Espíritos que mergulhariam na came, esquecidos de suas histórias anteriores.

De sua casa até o destino teria de caminhar oito [quarteirões, mais ou menos 800 metros. Iniciou o percurso com pressa e dois sentimentos disputando lugar em sua mente: o de alegria pelo nascimento de mais um filho e o de preocupação com o aumento de despesa por mais uma boca para comer, um corpo para vestir, pés para calçar e cabeça para educar. O parco salário mal dava para sustentar cinco (ele, mulher e três filhos), quanto mais seis, com a chegada de mais um rebento (seria homem ou mulher?). Mas estava ansioso, desejando a chegada da criaturinha, afinal é um ser que Deus nos confia e traz ao lar um quê especial, de ternura e beleza. A atmosfera muda, a esperança e o carinho transitam, aproximando todos, como a lembrar o dever familiar no exercício do amor e união. Assim, apressava os passos, o Sr. Germano, para buscar os serviços profissionais da experiente parteira que atenderia a esposa, D. Gabriela, com a bolsa estourada e sofrendo (ou gozando?) as dores do parto.

Em vinte minutos estava de volta, com a bem-vinda solicitada e seus apetrechos. Iniciou-se o procedimento de

parto. E sob dores, clamores, choros e risos nasceu Ricardo, todo laçado pelo cordão umbilical, com a parteira profetizando: este é especial. Foi no dia 25 de novembro de 1920, às 00:30 h, na cidade de São Luís do Maranhão, Brasil.

40

“Deus proverá”, expressão muito usada, é popular, mas tem muito de verdade. Pois não é que o nascimento de Xuji Ricardo trouxe prosperidade à família?

Seu Germano foi promovido na repartição (era funcionário público do governo federal) e se favoreceu com o plano de reestruturação funcional, que reduzia carga horária de trabalho. Subiu um pouco o salário e sobrou mais tempo para outras atividades que lhe poderiam ser rentáveis. Homem inteligente e disposto que era, não teve dificuldade em ocupar as horas disponíveis no cultivo de pequena horta com retomo financeiro compensador. E o Ricardinho crescia, saudável, brincalhão e esperto. Sem excessos e sem privações. No equilíbrio da balança, tranquilo e calmo.

Os cinco anos de Ricardo identificavam um menino de pouco desenvolvimento físico (deu os primeiros passos com dois anos e meio) e o mental muito acima da média (enquanto as crianças de sua idade aprendiam o alfabeto, ele juntava sílabas e lia palavras). Atraía a gurizada pela ousadia e docilidade. Todos se centralizavam em torno de sua figura frágil que conjugava meiguice, inteligência e coragem. Um pequeno líder.

Entre estudo e divertimento, invejado, cobiçado e admirado, caminhou ele na sua excepcionalidade que o classificou, aos 10 anos de idade, em primeiro lugar do exame de admissão ao ginásio, na época fato extraordinário devido à pouca idade do candidato e ao elevado grau de dificuldade das provas seletivas. Dona Gabriela ficou muito feliz e lembrou-se da profecia de dona "Da Luz", a parteira: realmente, este menino é especial, muito ainda realizará.

Sua habilidade nas coisas e versatilidade no fazer, colocavam-no em destaque e sempre em primeiro lugar. No entanto, deixavam-no confuso na hora da preferência pois havia o nivelamento das opções. Em tais circunstâncias não sabia se estudava (português, matemática ou ciência) ou se brincava (de futebol, bola de gude, jogar pião ou de empinar papagaio). Problemas de quem muito tem.

Deitou na rede e começou a se balançar, levemente. Acabara de almoçar. O balanço discreto era apenas para ordenar as ideias na cabeça. Brincar ou estudar? Meditou. Interiorizou-se. Desligou-se. Embarcado num navio e sob o embalo de ondas brandas, idealizou, aos doze anos ativos e conflitantes, seus primeiros versos, que logo transcreveu em sigiloso diário.

Mares, que não são verdes, de minha terra natal, azuis são eles como o céu dos sonhos meus.

Um dia neste navio de esperanças mil, embarcarás sorrindo para mim, mesmo que saudosas lágrimas turbem os olhos teus.

41

O céu estava limpo, no seu azul estável, sem o movimento branco das nuvens que lhe roubam cor e IBM repouso. Dava ao sol liberdade plena de ação, no seu abraço quente suavizado pela brisa fria, em troca de calor agradável para aqueles por ele abraçados. E as pessoas buscavam a beira-mar, onde poderiam melhor aproveitar o dia convidativo. Ali, a fusão sol-vento mais favorável fica, o beijo divino se toma ápice, as carícias da natureza despertam a humildade e submissão ao Maravilhoso.

Porém, na residência do Sr. João Severino e D. Catarina, algumas pessoas não ouviam o grandioso convite. O estado emocional em que se encontravam não permitia interferência. Estavam tensos. Em expectativa.

Aguardando o grande acontecimento, por nove meses esperado. Sob um teto em que o sol não penetrava para convocá-los àquelas delícias, de modo ostensivo e irrecusável. Lá, a prioridade era outra: presenciar o nascimento de mais um membro da família, normal e sem perigo para a parturiente.

E graças a Deus, D. Catarina deu à luz, sorrindo e aliviada, no dia 20 de dezembro de 1923, na cidade praiana de Olinda, em Pernambuco, Brasil, às 10:00 h, numa linda manhã de sol.

Uma formosa menina, alva e vermelhinha, de cabelos pretos, que recebeu o nome de Maria Madalena.

42

O Sr. Severino, pai de sete filhos (Madalena mais seis irmãos: quatro homens e duas irmãs), era um homem HBH doente, sofria das faculdades mentais, ora na água, ora no fogo (seria um obsidiado?). Dona Catarina penava, comia o pão que o diabo amassou para sustentar os filhos e ele.

Quando Madalena completou dez anos, o irmão mais velho, 22, conseguiu emprego na cidade do Recife, Capital de Pernambuco (título tomado de Olinda em 1827). Internaram o lunático no manicômio e foram todos morar na vizinha cidade litorânea.

Distraída, alheia do mundo móvel, embora pesado, Dona Catarina voltou a si para desfazer passos a mais que havia dado e fizeram-na passar da parada do bonde, como uma coisa vazia, sem alma, locomovida pelo automatismo inconsciente. Estava, na realidade, em outra dimensão, à frente da Madre Diretora do colégio das Damas, apreensiva e com medo de ouvir resposta negativa do exame que sua caçula, Madalena, havia se submetido com o objetivo de matricular-se no curso ginásial do conceituado estabelecimento de ensino. Ainda bem que o espaço fora pequeno porque o bonde já apontava na sua "alta velocidade" de 30 km/h. Pegou a condução e chegou ao lugar desejado, desta vez, sim, de corpo e alma, para viver, no real, a mesma emoção que antecipara. Nervosa e com o coração acelerado, recebeu a informação: "Maria Madalena Pereira Cavalcanti foi aprovada e deve se matricular de imediato". A extremada mãe não se conteve, e de mãos subidas ao céu agradeceu com sinceridade enfática e sagrada: Graças a Deus!

Que triunfo, extraordinário! Conseguiu matricular sua querida filha no melhor colégio do Recife, onde receberia educação esmerada. E anteviu a reação da pré-adolescente inteligente e linda, aos doze aninhos, pulando de contentamento no seu gracioso "oba, oba". Ela merecia. Valeu o seu esforço.

Dois anos na capital pernambucana mudou a sorte da família. A matriarca conseguira modesto emprego em colégio público e a filha maior, 21, lecionava por contrato de trabalho de salário razoável. Com três fontes de renda, o progresso da família Pereira Cavalcanti se consolidava.

Superaram o sufoco.

O barco navegava em águas mansas e tranquilas, com baixa velocidade, porque a tripulação era grande para a pequena capacidade dele. Mas que seguia rumo certo, seguia.

43

O coração chamava-o para um lugar e a razão para outro. As pernas lhe pareciam de chumbo, caminhava para a obrigação, o compromisso profissional, contra o vento muito forte que soprava bravo, em sentido contrário. Era o sopro do amor que o atraía como poderoso imã do outro lado, localizado no coração de Anita, 13, a primeira namorada. Mas tinha que resistir, tudo tem sua hora certa, e aquela estava reservada às suas funções de cicerone de gringo.

Ricardo, aos quinze anos, atendia às solicitações vindas do cais do porto, para apresentar a cidade de São Luís aos estrangeiros embarcadiços. O adolescente era o preferido porque dominava três idiomas (inglês, francês e espanhol), além do português, óbvio. Gostava do ofício, pois lhe rendia bom dinheiro e exercitava-lhe o aprendizado linguístico, mais um dos seus talentos.

Só que, naquele momento, a satisfação intelectual perdia feio para a paixão amorosa. O encanto de Anita, com seu rosto belo e hálito perfumado, exalado de uma boca angelical que dizia palavras doces no idioma pátrio, não poderia ser comparado com a companhia indiferente do estrangeiro rico que dizia palavras guturais em idioma de outras plagas, entendidas mas não consumidas. Por isso o peso do veículo, movido pelo esforço hercúleo do senso de responsabilidade que, afinal de contas, tinha valores morais: contribuir na manutenção digna dos seus, com cota significativa do seu valioso labor. Compreendia, intuitivamente, na sua precocidade, a importância do lar paterno, a significação maior do educandário moral que reúne espíritos acertados em outra dimensão para aprenderem, em oficina própria e sob supervisão superior, a amar, ajustando-se e reabilitando-se, em trabalho promocional, com metas ousadas mas redentoras.

O jovem maranhense seguia por esse norte, com muita esperança e fé, certo de que muitas águas iriam rolar no rio do seu coração, ainda na nascente: cachoeiras precipitadas sobre serras íngremes da terra de Gonçalves Dias².

Cumprimentou o turista americano, sem ressentimentos e com bom humor:

- Howdoyou do?

44

O corpo toma forma. Órgãos e sistemas se desenvolvem, surgem na periferia novidades, pêlos e protuberâncias, e dias escarlates assustam. A vida explode em nova fase, como a flor, do botão. A primavera orgânica, pronta para trabalhar e produzir, abruptamente se manifesta. Capacita-se o corpo para receber o Espírito nos seus primeiros passos de liberdade. Tudo em perfeita compatibilidade, amadurecimento simultâneo, do corpo e da alma.

O livre exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos corpos?

- Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos respectivos órgãos, como a excelência de um trabalho à excelência da ferramenta- questão n° 369 do Livro dos Espíritos, Allan Kardecj.

Com Madalena, esse momento crítico ocorreu aos 13 anos. Foi como se tivesse dormindo acordada e, de repente, despertasse. Houve uma eclosão de sensações e sentimentos pedindo vez e oportunidade de atuar, com pressa e sofreguidão.

O que mais se destacou foi a vontade de namorar, enjoou das bonecas e optou pelos bonecos, de carne, osso e alma. Olhou para Jonas, adolescente de 15, e apaixonou-se nos seus 13, de inexperiência e impulsividade.

² Poeta romântico e nacionalista (1823 - 1864), nascido em Caxias-Ma

Coração de mãe não se engana. Percebia nítida transformação na filha, e não era só a física, de sua puberdade. A preocupação era com o que ocorria no emocional, no íntimo de sua pimpolha. Por que a cisma, o desligamento, o brilho nos olhos, como quem estivesse vendo o invisível maravilhoso?

Recordou-se de tempos idos, caminhou de ré, parou na idade dos devaneios, onde a predominância é o novo e tudo são flores, perfumes e sabores. Não há nada mais importante do que a experiência de vida, porque facilita as identificações, ainda mais quando o coração é de mãe.

Antes de se decidir, D. Catarina hesitou, poderia haver precipitação de sua parte, Madalena poderia estar apenas indisposta, o início de uma virose, quem sabe? E os olhos brilhando? Não, ali tinha coisa, e provavelmente com vida e sexo masculino. Partiu, então, para o esclarecimento, com tato e habilidade. Entabulou conversa preparatória, investigadora e cuidadosa. A resposta foi peremptória, simples, sincera e corajosa.

- Ora, mãinha, nada demais. Apenas estou apaixonada. O nome dele é Jonas. Que Tal?

Sumiu rápida, sorrindo e dando pulinhos de alegria, como se houvesse contemplado a mãe com precioso presente, não tinha melhor para lhe ofertar no dia do seu aniversário, 15 de janeiro.

D. Catarina pensou: logo o homem que foi engolido por uma baleia?

Sorriu, mas ficou preocupada.

45

Acendeu uma luz que lhe indicou o caminho profissional estável, futuroso, a conquista da independência econômica, com novas possibilidades, confortáveis e auspiciosas: o ingresso no quadro funcional do Banco do Brasil, um dos mais ansiados empregos da época, pelo respeito e dignidade com que tratava o funcionalismo, em remuneração e direitos sociais. Aliás, o projeto nasceu um ano antes, quando completara 16 e acompanhou o esforço intelectual do irmão para realizar o concurso. Participou como ouvinte que se intrometia nas aulas do grupo, todos com mais de 18 (o mano Aluizio, com 20, foi reprovado). Interessou-se, e, agora, com seus 17 anos bem dotados, adquirira o pré-requisito etário para participar do certame.

Inscreeveu-se com o irmão repetente, estudou e estava muito confiante em sucesso. Sabia que se fosse aprovado não assumiria de imediato, teria que esperar um ano, para, aos 18, compor o seleto quadro de servidores do mais importante estabelecimento bancário do país, que atraía formandos e formados. E o que seria um ano diante do glorioso prazer de ver seu nome numa reduzida relação, cujo número de vitoriosos não ultrapassava 10% do total de concorrentes?

Foi realizado o concurso no mês de dezembro de 1937, com muito nervosismo e expectativa. Dois idiomas estrangeiros foram exigidos: inglês e francês. Que eliminariam muitos candidatos, menos ele cuja dificuldade era a datilografia, por lhe faltar recursos para o treinamento pago e ter que se submeter à boa vontade das pessoas de bom coração.

Três meses depois, o Banco anunciava o resultado. Na casa de seu Germano, a notícia chegou pela voz emocionada de Aluizio. Estava ele, ao mesmo tempo, feliz e perplexo. Ou, talvez, superfeliz pela dupla vitória, vinda de modo extraordinário e surpreendente. Sua aprovação era de se esperar, tinha a experiência da segunda vez. Já com o "meninão" Ricardo, a vitória tinha outro sabor, era diferente, invejável, vestia a indumentária pomposa da glória dos casos incomuns e raríssimos. O danado do "peru" encabeçava, grifado, a lista dos contemplados, no destacável primeiro lugar. Um espanto!

Muita festa. Muita alegria. Com uma preocupação, também: seu Germano havia sido transferido para a cidade do Recife, em Pernambuco.

Aluizio, sem problemas. Logo seria nomeado (passou em quinto lugar) e ficaria no Maranhão mesmo,

acessando outras páginas de lazer e oportunidades, embora com saudades dos seus.

Porém, o ainda adolescente não poderia ficar. A prudência dos pais e o zelo pela jóia preciosa, convidavam-no à viagem aventureira e de mudança radical. Não resistiu, acedeu dócil e obediente, acreditava na sorte, previa um futuro de ampla perspectiva. Um mundo novo e mais rico, de caras, oportunidades e conhecimentos. Além do mais, faltava ainda um ano para a nomeação, e o Banco do Brasil contava com agências na terra do frevo, o que viabilizaria o seu aproveitamento.

Cuidaram das pendências, despediram-se dos parentes, arrumaram as malas e embarcaram num ITA, sobre mares azuis de sonhos mil.

46

Foram morar no bairro "Casa Amarela", na cidade dos rios e das pontes, numa casa branca, de uma rua com muito verde. Na casa, hospedavam-se sossego, paz e harmonia. Na rua, a esperança, a certeza de realização, de dias felizes, que se insinuavam não só na cor das árvores e jardins, como, também, e principalmente, nas vibrações provindas da casa vizinha, onde residia uma adolescente especial.

A família Alcântara Melo avizinhou-se da família Pereira Cavalcanti num abraço de muito bom grado para os seus membros, que se identificaram de imediato. Com Ricardo e Madalena, então, a atração foi irresistível, dessas de romper corrente de aço.

A mocinha, com 14, sentiu um baque no coração, como se alguém abrisse uma porta, convidasse o moço de 17 para entrar e a fechasse em seguida, com firmeza. O mesmo se deu com ele, com a única diferença de que a convidada era ela. Ambos ficaram presos, trancados no outro, e a batida da porta foi sentida simultaneamente.

Madalena, depois desse primeiro encontro, recolhida na intimidade do seu quarto, aturdida, pensava: meu Deus, o que fazer com essas duas criaturas no meu coração, estou certa de que não há mais lugar para Jonas!

Com Ricardo a situação era outra. Nenhuma lembrança ou sombra feminina o acompanhava. Da primeira e única namorada nada restava, não foi mais do que um rio que passou veloz, leviano e sem marca. E a donzela pernambucana arrebatava-o, sozinha, imperiosa, ocupando-lhe o presente e preocupando-lhe o futuro. Teria ela namorado? Poderia ser engajada no seu projeto de vida? Buscou respostas para suas aflições. Investigou a vida amorosa da princesa, através de terceiros e por ela própria. Dos outros, nada extraiu, dela, sondou o íntimo, reações e sensações, e teve a impressão de que era correspondido no seu amor. Seus olhos faiscantes e suas mãos frias denunciavam-na. (O amor adolescente não consegue sei icamuflar, não se lhe opõe a malícia mentirosa nem o subterfúgio interesseiro que o maculam e comprometem seu encanto, sua manifestação é inconfundível e desmascarada, tem apoesia da lua e a realidade do sol).

Com esse entendimento quimerizou algum tempo, até que num dia infeliz a surpreendeu conversando com o namorado. O jeito cortês e cavalheiro do rapaz indicou tratar-se de indesejável rival. Nela não notou nada a mais do que a simpatia comum em toda moça educada, ao se comunicar com qualquer pessoa: discretos risos, alternados com fisionomia séria. Nele, no entanto, percebia-se claramente sua postura de namorado: buscava aproximação, pegar a mão, fazer gracinhas. O maranhense não gostou. Deu meia-volta e retomou ao lar, onde cismou até se resolver.

Teria uma conversa séria com a menina. Colocaria os pratos a limpo, declararia o seu amor, revelaria suas intenções, exigiria um posicionamento dela. Ou a figura intrometida seria despachada ou ele romperia o namoro antes mesmo de tê-lo assumido. Na primeira oportunidade, que aconteceu no dia seguinte.

O sol fugia no horizonte e a tarde era fria. Ele estava absorto, esquentava as mãos no bolso e contemplava o momento mágico, esplendoroso, em que morria o dia e nascia a noite, sob um céu que desaparecia lentamente

encoberto pela sombra colossal da outra face do planeta. Assim permaneceu por alguns minutos, contemplativo e interiorizado, buscando inspiração e coragem para o diálogo planejado, enquanto as estrelas começavam apiscar no alto iriflúto.

Ouviu uma voz por demais conhecida e agradável.

- Boa noite, Ricardo. Estás a sonhar?
- Sim, Madalena, e com você que muito me tem preocupado.
- Não entendi.

Pediu que ela sentasse ao seu lado, no degrau em que antes se acomodara para acompanhar o pôr-do-sol... Não... fez, rodeios. Foi direto ao assunto. Com sinceridade, muita emoção, e poesia, declarou-lhe seus sentimentos de amor intenso, que jorravam sobre ela em vibrações fortíssimas, fazendo-a chorar de felicidade indescritível. Falou, argumentou e esclareceu, com o verbo fluente, determinado e comovedor. Ela ouviu com atenção, sensibilizou-se e mostrou-lhe o coração em que ele se viu sentado num trono e tratado como um rei. E respondeu com voz embargada, olhos lubrificadas e alma rejubilada.

- Eu também te amo profundamente,; desde o nosso primeiro encontro, quando, não sei o porquê, tive a impressão de que o sentimento já existia, apenas naquele momento irrompeu do meu coração. (Interessante!..o mesmo senti eu, naquela ocasião).

E o jovem Jonas retomou ao estômago do grande peixe, de onde não deveria ter saído.

47

Madalena estava certa. O sentimento não era novo, existia, sim, e de muito. Arrastava-se por reencarnações outras, entre calmarias e tempestades, com triunfos e derrotas, enlevos e decepções.

O Espírito é imortal e guarda nos arquivos da consciência (ou inconsciência) as experiências de sua jornada evolutiva, esquecendo-as em cada nova existência, para recomençar no trabalho redentor de resgate e educador de provas e aprendizagem. E a justiça do Pai Misericordioso, que está sempre a conceder as oportunidades e os meios necessários ao nosso aperfeiçoamento, para que se estabeleça a felicidade plena e geral, da qual seremos todos construtores participes.

Sobre o que se funda o dogma da reencarnação?

- Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois não nos cansamos de repetir: um bom pai deixa sempre aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna aqueles cujo melhoramento não dependeu deles mesmos? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas é que se encontra a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.

"Todos os Espíritos também tendem à perfeição, e Deus lhes proporciona os meios de consegui-la, com as provas da vida corpórea. Mas, na sua justiça, permite-lhes realizar, em novas existências, aquilo que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova.

Não estaria de acordo com a equidade, nem segundo a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade no próprio meio em que foram colocados. Se a sorte do homem fosse irrevogavelmente fixada após sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia da justiça de Deus, com respeito aos homens de condição moral inferior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois oferece-nos o meio de resgatarmos os

nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz, éo que os Espíritos nos ensinam.

O homem que tem a consciência da sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma consoladora esperança. Se crê na justiça de Deus, não pode esperar que, por toda a eternidade, haja de ser igual aos que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserará para sempre do bem supremo e que ele poderá conquistá-lo através de novos esforços o ampara e lhe reanima a coragem. Qual è aquele que, no fim da sua carreira, não lamenta ter adquirido demasiado tarde uma experiência que já não pode aproveitar? Pois esta experiência tardia não estará perdida: ele a aproveitará numa nova existência". Questão nº 171 de O Livro dos Espíritos com esclarecimentos, entre aspas, de Allan Kardecj

A consciência da namorada de Ricardo e a dele próprio liberavam informações úteis aos seus melhoramentos morais, de modo intuitivo. Daí o forte pressentimento de que já se conheciam. No que estavam certos porque Ricardo era Maria Isabel que foi Mário Augusto, e Madalena era João Alberto que foi Samanta, na gangorra do tempo, em seus encontros e desencontros.

48

Madalena era católica, tinha espírito religioso, gostava de rezar e assistir à missa. Sentia-se bem assim, cultivava bons pensamentos e era devota de santas e santos, achava que, com a interferência deles, realizava seus ideais e compromissos. Se dificuldades a visitavam, rezava aos santos específicos, com fé, sinceridade e pureza de coração. Na maioria das vezes, obtinha sucesso. De fácil explicação, à luz da Doutrina Espirita.

Os Espíritos Superiores, prepostos divinos, quando sintonizados pelas preces sinceras, vindas de alma merecedora, com intenções elevadas, atendem sempre, independente do nome com que são evocados. O que levam em conta é o propósito da súplica, no que se refere de positivo para o crescimento do suplicante, cuja condição meritória também é considerada.

(Seria ilógico concluir-se desta máxima: "Aquilo que pedirdes pela prece vos será dado", que basta pedir para obter e injusto acusar a Providência, se ela não atender a todos os pedidos que lhe fazem, porque ela sabe melhor do que nós o que nos convém. Assim procede o pai prudente, que recusa ao filho o que lhe seria prejudicial. O homem, geralmente, só vê o presente; mas, se o sofrimento é útil para a sua felicidade jutura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer a operação que deve curá-lo.

O que Deus lhe concederá, se pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. E o que ainda lhe concederá são os meios de se livrar das dificuldades, com a ajuda das ideias que lhe serão sugeridas pelos Bons Espíritos, de maneira que lhe restará o mérito da ação. Deus assiste aos que se ajudam a si mesmos, segando a máxima: "Ajuda-te e o céu te ajudará ", e não aos que tudo esperam do socorro alheio, sem usar as próprias faculdades. Mas, na maioria das vezes, preferimos ser socorridos por um milagre, sem nada fazemos O Evangelho Segundo o Espiritismo capítulo XXVII, item 7).

Nesse aspecto, a realidade de Ricardo era outra. Não se interessava por religião, a educação recebida neste setor foi complicada e complicadora. Acompanhou período confuso de D. Gabriela, em que se alternou como católica fervorosa e protestante fanática. Recebeu ele as duas influências, embaralhou as ideias e depois decidiu por si mesmo: respeitaria todas as religiões e amaria Deus acima de tudo e de todos. Por enquanto, essa era sua postura, e continuava pagão, pelas circunstâncias.

De modo que suas convicções nessa área não conflitavam e, até mesmo, contribuíam para aproximá-los mais, porque as virtudes dela evidenciavam-se e tomavam-na cada vez mais amada e admirada. "Com uma santa dessa ao meu lado, muita luz receberei para melhor entender o Pai e o Filho Amados", pensava ele.

Um dia, ela esqueceu os santos, ou não fez por que merecer, e viu-se às portas da reprovação no colégio, na

cadeira de matemática. Ou tirava dez, ou repetiria o ano. Ficou em dificuldade, não sabia a que santo recorrer (quem é o santo da matemática?). Pensou, pensou, e encontrou a solução. Procuraria o seu santo material, aquele que justificava sua vontade de viver, seu desejo de crescer e de aproveitar as maravilhas que Deus lhe deu. Visto que o salvador da pátria era inteligentíssimo e dominava a matéria dos números com incrível facilidade.

Sob eflúvios do amor, de corações acasalados, energias trocadas e carinhos recíprocos, foram ministradas as aulas de quatro horas, durante três dias. O professor, iluminado pela luz de Afrodite, a deusa do amor e da beleza, ensinou o programa completo, em insólita e superproveitosa didática. A aluna, tocada por Minerva, a deusa da sabedoria, obteve aproveitamento pleno das aulas. Nada escapou, nenhuma dúvida ficou, tudo foi aprendido.

Resultado: conseguiu a nota dez e foi aprovada no terceiro ano ginásial, com salvas e comemoração idílicas.

Ricardo estava bem de vida, aos dezoito anos. Posicionara-se na auto-estrada que conduz o homem à felicidade, em nosso planeta, e que tem três faixas: ado amor, da intelectualidade e do financeiro. E, de modo privilegiado, trafegava nas três, em paralelo.

Os momentos divididos com Madelena eram sublimes, proporcionavam-lhe incomensurável bem-estar espiritual, animavam-no em tudo, do repouso ao trabalho. Quando dormia, o sono chegava com o perfume natural do seu corpo maravilhoso e com a beleza doce e meiga do seu rosto fascinante.

No intelectual, o avanço não sofria solução de continuidade. Sua capacidade era aguda e, com isso, suas atividades acumulavam-se em novos campos do conhecimento humano. Interessou-se por filosofia, aprofundou-se em literatura e línguas, exercitou ciências exatas e sociais. Estudava muito e ensinou português, matemática, inglês e francês.

No âmbito financeiro, os resultados eram consequências. Acumulou sabedoria e não faltou quem dela se interessasse em troca do vil metal. E ele foi receptivo, pois sabia avaliar muito bem a importância exata do dinheiro nas imprescindíveis conquistas materiais. Vendia seus serviços por valores justos e merecidos. Foi contratado como correspondente de inglês em conceituada firma de exportação, com salário que, somado ao das aulas particulares, propiciava-lhe gordo rendimento, que administrava com habilidade.

Mas, como se diz, "não há mal que sempre dure nem bem que não se acabe", nosso felizardo recebeu, no dia 25 de novembro de 1938, data de seu aniversário, um comunicado do Banco do Brasil: havia sido nomeado, para a agência em João Pessoa - Paraíba, com posse imediata, após os exames médicos de praxe; em caráter excepcional foi realocado de São Luís (Ma), localização que lhe cabia devido à sua classificação em primeiro lugar no concurso, para a capital mais próxima de onde se encontrava, pois não havia vaga em Recife. Ficou inseguro. Seria presente de grego, uma vez que teria de se distanciar da bem-amada?

Não houve jeito, por mais que Madalena rezasse, partiu o seu príncipe encantado, com os olhos vermelhos, o coração sofrido e a promessa de visitá-la duas vezes por mês.

Naquela noite não dormiu ela nem ele.

A primeira visita de Ricardo aos seus aconteceu por antecipação, dois dias após a posse no Banco e uma HBI semana depois de sua chegada a João Pessoa. No dia 20 de dezembro, data comemorativa do natalício da namorada. Juntou o útil ao agradável: matar a saudade atroz que lhe apertava o peito e participar do especialíssimo acontecimento do debute de Madalena. Como perder a festa maravilhosa que ia apresentar à sociedade recifense a musa dos sonhos seus, sua sombra luminosa, que o acompanhava zelosa, inspirando-lhe as atividades, ninando-lhe o sono e aproximando-o de Deus? Jamais, estaria lá, sim. Pegou o trem, fez o percurso em seis horas de desconforto vencido por agradáveis momentos ensimesmados, onde a figura dela ia e vinha, graciosa, alternando com as de outros entes queridos (mãe, pai e irmãos). Lembrou-se de um texto que lera recentemente nas suas lucubrações e que esclarecia as palavras de Jesus narradas pelos evangelistas Marcos e Mateus: "E vieram à casa; e concorreu tanta gente que nem mesmo podiam tomar o alimento. E quando isto ouviram os seus, saíram para o prender; porque diziam: Ele está furioso. E chegaram sua mãe e seus irmãos e, ficando da parte de fora, o mandaram chamar. Estava sentado à roda de um crescido número de gente e lhe disseram: Olha que tua mãe e teus irmãos te buscam aí fora. E ele respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E olhando para os que estavam sentados à roda de si: Eis aqui, lhes disse, minha mãe e meus irmãos. Porque o que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe." Dizia o texto:

(Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, pois contrastam com a sua bondade e sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de se aproveitar disso, para dizer que ele se contradizia a si mesmo. Um fato irrecusável, porém, é que a sua doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a lei do amor e da caridade. Ele não podia, pois, destruir de um lado o que construía do outro, de onde é imperioso tirar esta consequência rigorosa: se certas máximas estão em contradição com aquele princípio, é que as palavras que se lhe atribuem foram mal reproduzidas, mal compreendidas ou não lhe pertencem - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 6)

A festa de quinze anos de Madalena foi realizada em alto estilo. Aconteceu em clube tradicional da cidade do Recife e foi prestigiada por amigos dela e dele que fez questão de contribuir nas despesas para que o evento fosse digno, em grandeza e luxo, à magnanimidade da namorada.

Todas as flores quando desabrocham são lindas e têm perfumes naturais e próprios. A flor humana é de outra espécie mas muito se assemelha àquelas, no perfume e na beleza que não se repetem em nenhuma, em todo o universo. A flor-debutante, naquele noite, se apresentava esplêndida, com a formosura destacada. Resplandecente e ofuscante, afugentava o feio e aniquilava as trevas. Era admirada por todos, homens ou mulheres, crianças, jovens ou adultos, que se encantavam com sua simpatia e fino trato. Desfilava deslumbrante de mãos dadas com o namorado, mais envaidecido pela glória do momento do que ela própria, a princesa da festa.

A hora da valsa foi paradisíaca. Da parte deles não houve nervosismo. A certeza do grandioso e a estabilidade do superior estavam com eles, controlando o emocional e emprestando-lhes serenidade e paz de espírito, para bailarem, majestosos, no salão, alheios e refratários a qualquer influência exterior. Uma princesa e um príncipe sintonizados na mesma onda de amor, elevada e sublime, levitando, leves e fagueiros, ao som do "Danúbio Azul".

O tempo não espera pela felicidade de ninguém. Não está nem aí, cada um que procure acompanhá-lo, se não quiser "ficar a ver navios". Justo por isso, Ricardo teve que retomar ao lugar de suas obrigações profissionais no dia seguinte, mesmo com Madalena "em terra", isto é, sem ter ido "para o mar", como falou o poeta Chico Buarque de Holanda.

Até os vinte anos de idade, o brilhante jovem são-luisense conseguiu manter a regularidade de suas visitas à capital pernambucana (duas vezes por mês). Eram cansativas, mas necessárias ao seu psicológico, pois preenchiam-lhe os vazios da alma.

Melhor seria dizer que a carne é forte e não que é fraca, pois é ela que acaba influenciando o espírito nos descaminhos da vida. Foi o que aconteceu com Ricardo, no vigor de suas forças vitais. Uma bela donzela paraibana assediou-o e despertou-lhe interesse. Aceitou o convite para uma sessão de cinema e seu coração balançou.

Espaçaram-se os encontros com Madalena. Reclamados foram, justificados, também. Rarearam lentamente, até que findaram, com conformação e sem desesperos. Não mente quem diz que a distância arrefece, amorna sentimentos e favorece tentações. Foi o que se deu com os dois.

Casaram-se no mesmo ano, 1943, ele com 23 e ela com 20. Ele com uma paraibana esperta, ela com um pernambucano militar. Tiveram 4 filhos, ele: dois casais, ela: três mulheres (trigêmeas) e um varão. Seguiram caminhos diversos, totalmente desvinculados, de conformidade com seus destinos que foram traçados do outro lado da vida, sob rigores e sabedoria divinos, na mais intrincada cadeia, visando o progresso coletivo da humanidade; às vezes nossa invigilância e descaso alteram o planejamento, por nossa conta e risco.

(Se o Espírito escolhe o gênero de provas que deve sofrer, todas as tribulações foram previstas e escolhidas por nós?)

- Todas, não, pois não se pode dizer que escolheste e previste tudo o que te acontece no mundo, até as menores coisas. Escolheste o gênero de prova; os detalhes são consequências da posição escolhida, e frequentemente de tuas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, já sabia a que deslizos se expunha, mas não conhecia cada um dos atos que praticaria; esses atos são produtos de sua vontade ou do seu livre-arbitrio. O Espírito sabe que, escolhendo esse caminho, terá de passar por esse gênero de lutas; e sabe de que natureza são as vicissitudes que irá encontrar; mas não sabe quais os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas. Só os grandes acontecimentos, aqueles que influem no destino, estão previstos. Se tomas um caminho cheio de desvios, sabes que deves ter muitas precauções, porque corres o perigo de cair, mas não sabes quando cairás, e pode ser que nem caias, se fores bastante prudente. Se, ao passar pela rua, uma telha te cair na cabeça, não penses que estava escrito, como vulgarmente se diz. - Questão 259 do O Livro dos Espíritos - Allan Kardec)

Ricardo, nos anos 80, viveu em Salvador (Ba). Lá, por curiosidade, visitou um Centro Espírita, onde conheceu um senhor, de nome Antenor, que, realmente, mudou sua concepção da vida. Impressionou-se com ele pela sua inteligência, lucidez e paz interior, nada o perturbava e para tudo tinha explicações. Era sábio, com incrível discernimento e de profundos conhecimentos, em todas as áreas. Aconselhava as pessoas no mais variados assuntos, despertando-lhe a potencialidade latente e a fé nos ensinamentos de Jesus. Quem o procurava saía fortalecido, por mais fragilizado que chegasse.

Tinha limitação física (faltava-lhe uma perna), porém o que parecia paradoxal ou incompatível com sua extraordinária cultura e sapiência era sua limitação intelectual: totalmente analfabeto, nem sequer assinava o nome. E se utilizava de português escorreito e do verbo fluente. Como é que pode?

O maranhense sexagenário, que já conhecia rudimentos da Doutrina Espírita, aprofundou-se nos estudos da obra kardeciana, leu e compreendeu toda a codificação do Mestre de Lyon* e, convencendo-se da imortalidade da alma, da lei de reencarnação e da lei da evolução, entendeu a excepcionalidade daquele Espírito que liberava informações do passado farto de saber.

Dedicou-se ao Espiritismo, como abnegado trabalhador na seara do Cristo, dedicando-se ao atendimento

fraterno e estudo de grupo dos ensinamentos morais do Evangelho de Jesus.

Nos anos 90, voltou a morar em Recife. Já aposentado, dedicava-se integralmente às atividades espíritas e à literatura, devorando livros e escrevendo outros, de todos os gêneros (poesias, contos, romances...).

Dirigia, no Centro Espírita, um grupo (rotativo) de estudo do Evangelho com a proposta de harmonizar irmãos descompensados psíquico, emocional e espiritualmente, através de sessões evangélicas com temas selecionados em função das necessidades que mais se apresentavam. O estudo, explicativo e interativo, propiciava o autoconvencimento das verdades de Jesus, e os participantes despertavam para a reforma íntima, priorizando valores morais e modificando posturas e comportamentos diante das vicissitudes da vida e no relacionamento social-humano. Na grande maioria dos casos, o objetivo era alcançado e a alma enferma autocurava-se, abraçava a Doutrina e passava a contribuir na cura de outras almas doentes, construindo, assim, a corrente da caridade ao * cidade da França, onde nasceu Kardec), em 3 de outubro de 1804 próximo, que nos arrasta para a felicidade geral.

Um dia integrou-se ao grupo de Ricardo uma senhora. Chamava-se Madalena e aparentava ter cinquenta anos (muito conservada, a madame). Elegante e bem cuidada, educada e de pouca fala, era mais de ouvir, pouco participava nas discussões ou depoimentos.

Quando se entreolharam, ambos sentiram alterar o ritmo da bomba de emoção. Meu Deus, como é possível, estavam se encontrando novamente!? Disfarçaram. Não demonstraram o reconhecimento. A identificação foi negada.

Madalena frequentou as dez sessões do tratamento com muita classe, ignorando o passado e fazendo de conta que não conhecia o evangelizador. Do mesmo modo se comportou ele, imperturbável no seu ofício de esclarecedor dos ensinamentos do Mestre Maior, sentiu-se até mais inspirado com a presença dela, o que favorecia a turma como um todo, na harmonia e no aproveitamento do estudo.

A entrevista final nesse tratamento espiritual através do Evangelho, denominado, no movimento espírita, de evangelhoterapia, pela metodologia adotada naquela Casa Espírita, era atribuição do dirigente dos trabalhos. Foi quando eles ficaram frente a frente.

- Madalena, como você se sente?
- Bem melhor do que quando cheguei. Sentia um aperto no coração, um vazio, a falta de alguma coisa que não conseguia identificar. Com o estudo do evangelho, aqui e em casa, procuro me orientar pelos ensinamentos de Jesus, sendo mais paciente, indulgente e compreensiva com o próximo. Noto sensível melhora no meu estado de espírito, mais serenidade e alegria de viver.
- Ótimo. É bom saber que pudemos auxiliá-la. Mantenha-se nessa postura, com perseverança e fé, no Pai e no Filho.
- Porém, Ricardo, gostaria de ter uma conversa em particular com você fora do Centro Espírita. Passou-lhe o cartão de visita, com seu nome completo, profissão, endereço e telefone. Em negrito: Dra. Maria Madalena Pereira Cavalcanti - médica.

Ricardo, com cavalheirismo, retribuiu a cortesia passando-lhe também o seu cartão, com o destaque: Ricardo de Alcântara Melo - advogado.

Trinta dias depois estavam eles juntos e de apartamento montado, para estupefação dos preteridos e o entendimento generoso dos filhos.

Reacendeu o amor que esteve recolhido durante cinquenta anos. Com toda intensidade, autêntico e assumido, sem constrangimento ou sentimento de culpa, convicto da correção de atitude, indiferente a críticas ou malícias. Homogeneizaram-se, em hábitos, costumes e filosofia de vida.

Ricardo, de coração plenificado e mente espiritualizada, renunciou a muitas paixões terrenas, menos à de

escrever seus textos, agora com temas enriquecidos de filosofia e criatividade, extraídas da crença na imortalidade da alma e pluralidade das existências. Ampliou sua visão, regressava e projetava acontecimentos, idealizava situações, interpretava o absurdo e esclarecia o confuso. Mundo novo, inesgotável de ideias e inspirações. Sua produção literária multiplicou. Poetava em fartura.

Aos setenta e cinco anos, em mergulho no âmago, analisou a liberdade e felicidade, que fazem os homens insensatos reviverem instintos selvagens para conquistá-las, optando por guerras e agressões. Manifestou assim, seus sentimentos.

Livre e feliz

A sensibilidade se acentua.

Toma a direção do belo, de tudo que eleva o homem.

De repente estamos envolvidos num mundo

que nos era despercebido, ,

embora nele estivéssemos.

O azul imenso do mar nos parece especial,

misterioso,

pode ser um aviso de Deus,

para nos despertar a humildade diante de Sua grandeza.

O canto mavioso do pássaro chama-nos a atenção,

lembra-nos,

o plúmeo ente,

com voz melodiosa,

que também é nosso irmão,

filho do mesmo Pai.

A suave brisa que nos alivia do calor solar é,

ao mesmo tempo,

o beijo,

a carícia da mulher amada,

que nos promove a seres sentimentais.

(E o sol deixa de ferir para o idílio aplaudir).

Até as pedras nos sensibilizam

e se nos apresentam úteis.

Quando claras, esfriam nossos pés nus

que passeiam sem compromisso

sob o fogo do meio-dia.

Se escuras, concentram energia do astro diurno

que poderá ser utilizada em circunstâncias especiais

(as vezes fregue ovos para matar fome descamisada)

Todas as pessoas e coisas se mostram simpáticas,

e temos a vontade de abraçá-las ,

e revelar-lhes o nosso amor.

(Nosso coração exultante controla-se para não fazê-lo,

ainda contém grilhões.)

O mal desaparece magicamente
e a alegria de viver transpira por todos os poros.

Em passado longínquo,
da infância e adolescência,
deliciei-me com momentos assim,
ativo quadro de liberdade amorosa,
pintado pelo pincel verde da esperança,
com mãos santas do Excelso Artista.
Hoje compreendo a afirmativa do poeta Ataulfo:
"eu era feliz e não sabia".
E aprendi, ainda, outra lição:
a felicidade só será conquistada
quando nos libertarmos de todo.
Com o orgulho, egoísmo e afins,
usurpadores ignóbeis,
que sublevam incautos na contramão,
sendo exilados pelo rei-amor-caridade
do reino divinamente implantado em nosso coração.

Submeteu o poema à Madalena que elogiou e aprovou a mensagem. Assistiram, na harmonia dos afins, à televisão, em programa de interesse comum.

Às 22:00 h, recolheram-se ao leito divino para o sono dos justos e bem-encaminhados, sob os cuidados benevolentes de seus mentores, Paulo e Áurea.

Às 5 horas da manhã, Madalena ouviu o galo cantar e um ronco estranho de Ricardo. Direccionou-lhe o olhar e ele fez um ar de riso que ficou estampado no rosto além do tempo normal.

Ela desconfiou. Tomou seu pulso. Não havia mais, e ele estava frio erijo.

Proferiu fervorosa prece, banhada por lágrimas respeitosas e conformadas.

FIM